



PUC  
RIO

HELENA DIAS TORRES

"O QUE TEME UMA MULHER: OS EFEITOS DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO  
NA CONFIGURAÇÃO DO SUPEREGO FEMININO"

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

*[Handwritten signature]*

94181

BR 100

N. Chamada 100 1693q / TESE UC

Título que teme uma mulher?



ER 1 CENTRAL

1700

O QUE TEME UMA MULHER?  
OS EFEITOS DO COMPLEXO DE CASTRAÇÃO NA CONFIGURAÇÃO DO  
SUPEREGO FEMININO

Helena Dias Torres

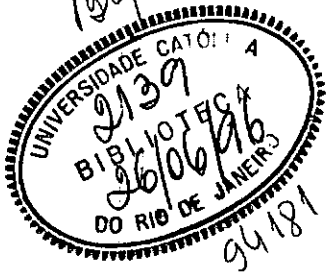
Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Departamento de Psicologia como parte dos  
requisitos necessários à obtenção de grau de  
Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Cláudia Amorim Garcia

Rio de Janeiro, 1996

UC 65679-4

rodd



150  
T6939  
TESE UC

*A Stella e Sophia*

## AGRADECIMENTOS

A Cláudia Garcia por ter orientado com tanto carinho esta Dissertação e, principalmente, por ter me permitido compartilhar de sua dignidade e seriedade profissional.

A Marcos e Stelmar por um dia terem me fascinado com seu conhecimento.

A Miro pelos anos compartilhados e pelo amor que vai se aperfeiçoando através do tempo.

A José Eugênio e Maria por sua admiração, às vezes exagerada e, pela confiança sempre bem vinda.

A Karla, tão amiga, tão companheira, tão querida. A Paola pela amizade e cumplicidade dos tempos de infância e a Regina pelo carinho de todos esses anos.

Aos meus tios queridos Geraldo, Helena, Mimi, Rosemary e Tadeu, que tornam tão felizes os encontros de família.

A Ana Lúcia e Álvaro por seu carinho de pais postiços.

A Ana Cristina Figueiredo por ter acompanhado com serenidade e confiança meus primeiros passos profissionais.

A Francisco e Natália pela companhia e incentivo nos anos de Mestrado.

A Maria Dias Torres pela incansável disposição na revisão ortográfica e a Gianpaolo por sua ajuda nos assuntos de informática.

A Marise e Verinha pela atenção e paciência.

À Vice Reitoria Comunitária na pessoa do professor Augusto Sampaio pelo apoio imprescindível no último ano.

À CAPES e à FAPERJ pelo financiamento deste trabalho.

“A dificuldade do trabalho de pesquisa em psicanálise demonstra-se claramente pelo fato de ser-lhe possível, apesar de décadas inteiras de observação incessante, desprezar aspectos de ocorrência geral e situações características, até que, afinal, elas nos confrontam sob forma inequívoca”

Sigmund Freud (1924)

## **PALAVRAS CHAVES**

- **SUPEREGO**
- **FEMININO**
- **SEXUALIDADE FEMININA**



## SUMÁRIO:

Introdução.....	1
Capítulo 1 - Revisitando Freud .....	5
1.1 - A anatomia é o limite.....	5
1.2 - O pré-Édipo e a sexualidade feminina .....	13
1.3 - O debate sobre a diferenciação sexual nas décadas de 20 e 30 .....	18
Capítulo 2 - Sobre o Superego: Algumas Articulações .....	26
2.1 - Superego feminino: Uma questão para os nossos dias .....	26
2.2 - O conceito de superego e suas origens na obra de Freud .....	34
2.3 - O superego e suas vertentes: Ideal e o agente crítico .....	42
Capítulo 3 - As Identificações .....	47
3.1 - A dinâmica das identificações na constituição do ideal do ego e superego.....	47
3.2 - As identificações no processo de tornar-se mulher .....	53
3.2.1 - Uma contribuição lacaniana à teoria freudiana das identificações....	56
4 - O Complexo de Castração Como Eixo Determinante de uma Releitura Sobre a Sexualidade Feminina .....	59
4.1 - Entre o complexo de castração e o complexo de Édipo .....	59
4.2 - O que a castração vem assegurar à menina? .....	65
4.3 - O que teme uma mulher? .....	70
Capítulo 5 - O Superego Feminino: Algumas Articulações Entre o Ideal e a Mulher .....	80
5.1 - O papel do ideal na formação do superego feminino .....	80
5.2 - Ideal e feminilidade: Uma conclusão.....	85
5.2.1 - Feminilidade “normal final” e complexo de masculinidade .....	90
5.2.2 - Feminilidade “normal final” e histeria .....	94
Tempo de Concluir.....	96
Referências Bibliográficas .....	99

## RESUMO

A proposição freudiana de que o superego é herdeiro do complexo de Édipo e que se constitui mediante ameaça de castração torna teoricamente impensável a formação de um superego na mulher, já que ela não se desliga de seus vínculos edipianos e a ameaça de castração não diz respeito ao seu percurso no Édipo. Seguir este raciocínio, no entanto, implica desconsiderar o impacto do complexo de castração no psiquismo feminino e minimizar a indicação de Freud de que, na menina, a angústia de perda de amor corresponde à angústia de castração no menino. Se observarmos atentamente o percurso da sexualidade da menina a partir da confrontação com a castração, veremos que este temor é forte o bastante para constringir a menina a formar um superego. Desta forma, o estudo dos efeitos do complexo de castração nos caminhos tomados pela sexualidade da menina se torna de importância fundamental para a compreensão da formação e da caracterização do seu psiquismo. Em uma palavra, é no deslindamento dos meandros da trajetória da sexualidade da menina no Édipo que vamos nos ancorar para propor uma forma de constituição de algo da ordem de um superego na mulher.

## ABSTRACT

The freudian proposition according to which the superego is the heir of the Oedipus Complex and that it is constituted by means of anxiety castration makes it impossible to think theoretically about the formation of the superego in women, considering that they don't break off the Oedipian links and that the castration anxiety doesn't concern to their trajectory in the Oedipus Complex. To think about these lines means to minimize the impact of the castration complex on the female psyche as well as Freud's statement according to which, in the case of the girl, anxiety due to the loss of love corresponds to castration anxiety, in the case of the boy. If we observe the course of female sexuality triggered by confrontation with castration, we'll see that the anxiety due to the loss of love is strong enough to constrain the girl to form a superego. Thus, the study of the effects of the castration complex on the girl's sexuality becomes very important to the understanding of the formation and characterization of her psyche. In one word, our hypothesis about the formation of the superego in women relies on the specific features of the female Oedipus Complex.

## INTRODUÇÃO

Em Freud, a tentativa de pensar a formação de um superego na mulher encontra, logo de início, um entrave: a proposição de que o superego é herdeiro do complexo de Édipo e de que se constitui mediante a angústia de castração. Esta formulação torna teoricamente impensável a constituição de tal instância na mulher, uma vez que ela não se desliga completamente de seus vínculos edipianos e que a angústia de castração não diz respeito ao seu percurso no Édipo. Seguindo este raciocínio, poder-se-ia chegar a afirmar que, na mulher, o superego não se constitui. No entanto, a observação e a experiência clínica nos levaram a questionar esta idéia: as mulheres que vêm ao consultório psicanalítico apresentam nitidamente conflitos morais e culturais, além de testemunharem, com o sofrimento de suas neuroses, a presença de um superego.

Partindo dessa observação, nos propomos a pensar um modo de formação do superego na mulher tomando como base as premissas freudianas para o estudo da sexualidade feminina. Se Freud afirma a presença de um superego na mulher, embora não tão “inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais”(Freud, 1925, p.320) quanto o dos homens, como, então, dentro da lógica freudiana, se constitui esta instância? Que consequências, ou melhor, que efeitos o percurso da sexualidade feminina provoca na formação de seu superego? Quais são as características do superego feminino? Estas são algumas questões que impulsionam nossa investigação.

Os temas da feminilidade e da sexualidade feminina têm sido alvo de inúmeros estudos, sendo abordados por diferentes pontos de vista teóricos, os quais analisamos durante a elaboração dessa dissertação. Durante a pesquisa, identificamos uma literatura que enfatizava a contextualização da teoria e os aspectos sócio-culturais que teriam levado Freud a conceber a mulher em seus textos numa posição ‘aquém’ daquela ocupada pelo homem. Alguns autores representantes deste tipo de leitura (Monteiro,1984; Olivier, 1986; Sprengnether,1990), incluindo estudiosos da psicanálise provenientes de outras

áreas, como a antropologia e a sociologia, compartilham de uma visão nitidamente influenciada pelo movimento feminista. Eles apontam, principalmente, para o caráter discriminatório das teorizações freudianas e para a influência da moral social vigente na época de Freud no processo de elaboração de sua teoria. Esse aspecto é, sem dúvida, relevante e indispensável para o entendimento das teorizações freudianas sobre a mulher, mas, a nosso ver, deixa escapar muito da riqueza e da complexidade do tema. Principalmente, sobre o superego feminino, não encontramos argumentos que sustentassem a idéia de que a formulação de Freud sobre o assunto fosse fruto simplesmente de uma concepção discriminatória da mulher presente no seu tempo. Identificamos nesta literatura, entretanto, questionamentos valiosos que, no entanto, não são desenvolvidos em sua amplitude.

Na revisão da literatura psicanalítica sobre a sexualidade feminina, encontramos também um número significativo de teses que, seguindo os ensinamentos de Lacan, tomam a feminilidade como um suplemento à função fálica, ou seja, enfatizam aquilo que da sexualidade feminina escapa ao domínio do Édipo (Pommier, 1985; André, 1986; Millot, 1988, Nicéas, 1986; Fortes, 1995). Segundo estes autores, ao apontar para a importância da relação pré-edípica da menina com sua mãe nos textos de 1931 e 1933, Freud estaria deixando indicações para pensar uma erogeneidade que resultaria do confronto da menina com o Outro materno e que seria suplementar àquela ordenada pela referência fálica. A perspectiva lacaniana, no entanto, não exclui nem despreza a importância da referência fálica na constituição da sexualidade feminina. Ao contrário, é na medida de sua existência que se pode falar de um suplemento.

Embora o campo que se abre com a novidade lacaniana possibilite uma leitura da feminilidade para além do Édipo e da ordenação fálica, nosso estudo vai tomá-la enquanto um destino possível do Édipo feminino, tal qual Freud teorizou nos anos 30. A via lacaniana, na mesma linha das observações de Freud, enfatiza aquilo que do superego feminino escapa ao recobrimento pela lei fálica. De forma inversa, nos interessa pensar a forma com que a mulher está implicada na castração e, conseqüentemente, o modo como esta lei está

articulada na organização de seu psiquismo, especialmente naquilo que se refere à caracterização da instância superegóica.

Poderíamos destacar, ainda, um outro grupo de teses psicanalíticas sobre a mulher que concebe o vínculo pré-edípico à mãe como locus originário da feminilidade (Horney, 1922; Müller- Braunschweig, 1926; Jones, 1927, 1935; Klein, 1932; Chasseguet-Smirgel, 1975; Dolto, 1982) mas, que se encaminham numa direção diferente da lacaniana. Estas teses se dedicam ao estudo das determinações do pré-Édipo na sexualidade feminina veiculando a idéia de uma feminilidade primária ou de um conhecimento primitivo da vagina como órgão sexual feminino, noção refutada categoricamente por Freud e pela qual também não temos nenhuma simpatia. Essa discussão será retomada mais atentamente no final do primeiro capítulo.

Consideramos a fase pré-edípica de ligação da menina com a mãe, tão enfatizada por Freud nos anos 30, como determinante na constituição da sexualidade feminina e um importante e necessário tema de estudo. Este tipo de encaminhamento, no entanto, nos afastaria de nosso propósito inicial que é o de pensar a formação de algo da ordem de um superego na mulher tomando como base a “feminilidade normal final” descrita por Freud que, de certa forma, deixa em segundo plano a fase exclusiva de ligação com a mãe para se concentrar em torno da questão de como a mulher se forma, priorizando a *passagem* da menina do pré-Édipo para o Édipo.

O presente estudo não enveredará, então, nem pela via aberta por Lacan, que encara a feminilidade como não-toda apreendida na referência fálica, nem por uma crítica feminista a Freud, que enfatiza a contextualização da teoria. Não perderemos de vista, entretanto, estas duas vertentes. Tampouco encaminharemos nosso raciocínio pelo viés da valorização do vínculo pré-edípico com a mãe, nos detendo, ao contrário, na separação da menina da mãe e nos fatores que a levam a se voltar para o pai. Assim, nossa perspectiva valorizará o complexo de castração como eixo em torno do qual se organiza a sexualidade feminina.

Os destinos tomados pela sexualidade da menina, a partir de sua confrontação com a castração, vão ser completamente distintos dos do menino. Esta diferença na atitude frente à castração vai, sem dúvida, se expressar em diferenças na estruturação e na formação das instâncias psíquicas da menina. É neste sentido que podemos falar de um superego *feminino*, na medida em que o percurso singular da menina no Édipo vai dar cores características a seu superego.

Pensamos ser a proposição freudiana de que o superego se constitui mediante a ameaça de castração um dos principais obstáculos à teorização sobre a formação de um superego na mulher. Uma vez que na menina a castração já teve seu efeito, ela não teria o que temer. É certo que a ameaça de castração não diz respeito ao Édipo feminino, mas poderíamos dizer que diante da confrontação com a castração a menina não tem nada a temer? Seguir este raciocínio implica desconsiderar o impacto do complexo de castração no psiquismo feminino e minimizar a indicação de Freud de que na menina a angústia de perda de amor corresponde à angústia de castração no menino. Se observarmos atentamente o percurso da sexualidade da menina a partir da confrontação com a castração, veremos que este temor é forte o bastante para constranger a menina a formar um superego. Assim, não pretendemos encontrar para a menina um superego nos moldes do superego do menino mas, pensar, a partir da singularidade do percurso de sua sexualidade no Édipo, a formação de algo da ordem de um superego.

Desta forma, o estudo dos efeitos do complexo de castração nos caminhos tomados pela sexualidade da menina se torna de importância fundamental para a compreensão da formação e da caracterização do seu psiquismo. Em uma palavra, é no deslindamento dos meandros da trajetória da sexualidade da menina no Édipo que vamos nos ancorar para propor uma forma de constituição de algo da ordem de um superego na mulher.

## CAPÍTULO 1

### Revisitando Freud

“Temos aqui a impressão de que o que dissemos sobre o complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino ...” (Freud, 1931, p.263).

#### 1.1 - A anatomia é o limite

É a fala das mulheres históricas que vai dar a Freud os elementos para fundar a psicanálise e é paradoxalmente nesta mesma fala que ficou encoberta por muito tempo a questão da feminilidade.

Vejamos o caso Dora. Supomos não ser por acaso que Freud adia sua publicação por quatro anos - alguma coisa talvez precisasse ser esclarecida. É exatamente o que aponta para uma interrogação sobre a feminilidade que fica irrevelado para Freud. Para ele, o ponto central da problemática de Dora se localizava no seu amor pelo pai, no entanto era em direção à Sra. K que ela concentrava seus interesses. Aquilo que a Sra. K representava - a própria encarnação do mistério da feminilidade e do corpo feminino - é que despertava a curiosidade de Dora, e era portanto através da Sra. K que ela poderia se interrogar sobre sua própria feminilidade.

A questão que importava a Dora saber, o que é, e o que quer uma mulher, só vai começar a ser delineada na teoria freudiana muito mais tarde, na década de 20, e desenvolvida mais extensamente na década de 30. Até então, Freud acreditava num paralelismo entre a sexualidade de meninos e meninas, ou seja, que a sexualidade feminina seguia por caminhos análogos à masculina no que diz respeito ao complexo de Édipo. Desde a “Interpretação dos sonhos”

(1900), onde Freud se refere pela primeira vez a este complexo, sua apresentação segue o raciocínio de uma simetria completa entre os dois sexos:

“... a primeira afeição de uma menina é para com seu pai e os primeiros desejos infantis de um menino para com sua mãe. Desta forma, o pai torna-se um rival perturbador para o menino e a mãe para a menina” (p.273)

Por um longo tempo, Freud entende o desenvolvimento da menina à sombra do do menino, fazendo apenas “substituições necessárias” (Freud, 1921, p.134) a fim de aplicar suas descobertas a ela. Este estado de coisas, no entanto, não persistirá, já em 1905 e 1908, afirma que suas observações sobre a sexualidade infantil se aplicam principalmente ao sexo masculino. Entretanto, é somente no começo da década de 20, que Freud vai se confrontar definitivamente com a dissimetria desses percursos, marcando caminhos diferentes para meninos e meninas.

Precisamente, é no Texto “A dissolução do complexo de Édipo” (1924), que Freud vai enfatizar pela primeira vez a diferença de curso tomada pelo desenvolvimento da sexualidade em meninos e meninas a partir dos efeitos do complexo de castração. Ele afirmara anteriormente (1923b) a preponderância de uma organização genital infantil da libido com referência a um só órgão, o pênis, em torno do qual vão girar e se articular a castração e a constituição edípica.

Antes de prosseguirmos, é importante ressaltar que o pênis é tomado aqui, em sua dimensão imaginária e simbólica, como falo e não reduzido ao órgão masculino em sua realidade corporal. O conceito de falo, que Freud não chega a nomear diretamente, foi desenvolvido por Jacques Lacan (Nasio, 1988). Na psicanálise, a importância do pênis se deve ao fato dele servir como suporte a fantasias em torno das quais se ordena a sexualidade humana e não enquanto órgão anatômico masculino em si.

Notamos, contudo, que Freud, em seu texto, não abandona a referência ao pênis=órgão<sup>1</sup>. Entretanto, se há uma valorização do anatômico em Freud,

<sup>1</sup> Freud alterna os termos pênis e falo. Em 1923 afirma que na organização genital infantil está presente “não uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” ( p.180; Grifo do autor). Contudo, em 1924 observa que “o desenvolvimento sexual de uma criança avança até determinada



não é pela crença na determinação biológica da diferença sexual, mas pelo fato dele reconhecer no anatômico dos sexos um limite para os desejos primitivos infantis. O corpo biológico tem importância sim, mas somente na medida de sua representação psíquica e de seus efeitos; é o que Freud parece deixar claro ao longo de seus textos. Nas palavras de Nasio (1988):

“O elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a *representação* construída com base nesta parte anatômica do corpo do homem” (p.33)

O pênis adquire valor imaginário para criança na medida em que pode estar presente ou ausente e na medida em que é ameaçado ou preservado e adquire valor simbólico quando se torna um objeto permutável, capaz de ocupar um lugar numa série de termos equivalentes psiquicamente. O pênis (=falo) desliza numa cadeia, se equivalendo ora a fezes, ora a dinheiro ora a bêbe (Freud, 1917b), como é o caso da equação simbólica que a menina tem que realizar para conquistar sua posição feminina no Édipo. Se nessa dissertação optamos, na maioria das vezes, por utilizar o termo pênis ao invés de falo, é por estarmos remetidos primordialmente ao texto freudiano, e não por acreditarmos numa concepção biologizante da diferenciação entre os sexos.

Mesmo que o conceito de falo não tenha sido desenvolvido por Freud, a noção de falo parece ter sido claramente explicitada por ele em 1927b. No texto “O fetichismo”, Freud se refere a “um pênis específico e muito especial que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido” (p.179). O que ocorre é que, num determinado período da infância, o pênis se torna algo ‘mais além’ do órgão anatômico, se revelando como elemento primordial do jogo da diferenciação sexual. O conceito de falo torna-se teoricamente importante, na medida em que vem desfazer uma possível confusão entre o órgão masculino propriamente dito e aquilo que ele representa

---

fase, na qual o órgão genital já assumiu o papel principal. Este órgão é apenas o masculino, ou, mais corretamente, o pênis” (Freud, p.218).

nas fantasias infantis. Confusão esta também feita pelas crianças durante a fase fálica, onde pênis e falo são tomados como equivalentes.

O “primado do falo” a que Freud se refere baseia-se na suposição de que a criança de ambos os sexos leva em consideração apenas um órgão, o masculino, desconhecendo a existência da vagina (Freud, 1933, p.146). Na constatação da diferença anatômica, a menina “aceita a castração como algo consumado” (Freud, 1924, p.223), afinal “a anatomia é o destino” (Freud, 1924, p.222), enquanto que, para o menino, a visão dos genitais femininos vai tornar imaginável a perda de seu próprio órgão. É daí que lhe advém a ameaça de castração como punição à sua atividade masturbatória e a uma possível satisfação libidinal em relação à mãe. Surge um conflito entre “seu interesse narcísico por esta parte do corpo e catexia libidinal de seus objetos parentais” (Freud, 1924, p.222-223). Prevalece, geralmente, o interesse narcísico.

Diante da ameaça de castração, o investimento edípico do menino se desfaz e o complexo de Édipo é destruído. Parte dos investimentos libidinais vai ser inibida em seus objetivos, sendo transformada em afeição e parte vai ser dessexualizada, sofrendo os efeitos da sublimação e transformando-se em identificações que vão dar origem à formação do superego. São assim introjetadas as insígnias da lei paterna que perpetuam a proibição do incesto e a manutenção da ordem da cultura. O superego é, portanto, definido como uma formação substitutiva que toma o lugar das ligações edípicas, sendo, assim, considerado o *herdeiro do complexo de Édipo*.

Analisemos agora o caso da menina. Se é a ameaça de castração que ocasiona a dissolução do complexo de Édipo na criança, como acreditava Freud (1924), como esta tese se afirmaria em relação à menina, já que, para ela, esta ameaça não teria sentido devido à própria falta do órgão a ser atingido?

Os desdobramentos que se originam desta questão desembocam nos pontos fundamentais que vão marcar definitivamente a assimetria nos destinos de meninos e meninas. Uma “diferença essencial” (Freud, 1924, p.223) que Freud destaca entre meninos e meninas se refere ao impacto que a constatação da castração produz em seu psiquismo. Enquanto para o menino a castração é

“ameaçada”, para a menina ela é “executada” (Freud, 1925, p.319). O menino reluta em aceitar a castração. Diante da visão dos genitais femininos demonstra “desinteresse ou irresolução - não vê nada ou rejeita” (Freud, 1925, p.313). Somente mais tarde, quando confrontado com alguma ameaça de castração é que esta observação ganha seu efeito adiado. Na menina, ao contrário, a castração desfere um golpe certo - “ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (Freud, 1925, p.314), tomando sua decisão num instante:

“As meninas, ao notarem o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, *imediatamente* o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão, pequeno e imperceptível e, desta ocasião em diante, caem vítimas da *inveja do pênis*” (Freud, 1925, p.313. Grifo nosso).

A constatação da diferença anatômica, entretanto, não é entendida pela menina como sendo expressão de uma diferença sexual (Freud, 1924, p.223), mas como uma injustiça cometida contra ela. Ao comparar-se com o menino, a menina percebe imediatamente que “se saiu mal” (1924, p.223). A falta de pênis, a partir de então, vai ser prova de sua inferioridade, já que a representação da diferença entre os sexos para criança se restringe à polarização fálico-castrado.

A diferença entre o percurso da sexualidade de meninos e meninas, contudo, só é definitivamente marcada quando Freud postula para a menina a existência de uma fase pré-edípica na qual também ela dirigiria seu amor para a mãe. Temos aqui uma posição diferente daquela tomada desde a “Interpretação dos sonhos” (1900), que postulava um direcionamento primário da criança em direção ao genitor do sexo oposto.

A sexualidade da menina, neste momento de ligação com a mãe, teria um caráter masculino, uma vez que só o órgão masculino é levado em consideração. Até a constatação da castração, a menina atribui também à mãe a posse do pênis, e é quando descobre que esta também não tem o órgão valorizado que a castração lança sobre a menina todo seu efeito. A castração, neste sentido, é essencialmente a castração da mãe:

“Invariavelmente a criança encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos outros adultos. Quando vem a compreender a natureza geral desta característica, disso decorre a feminilidade” (Freud, 1931, p.268).

A partir da constatação da castração materna, a mãe começa a ser depreciada aos olhos da filha. Surge um forte ressentimento para com ela, que não munuiu a filha de um pênis, trazendo-a ao mundo como mulher. O sentimento de humilhação decorrente de sua suposta inferioridade genital faz a menina desistir do clitóris enquanto zona de obtenção de prazer eminentemente masculina (pela homologia pênis-clitóris), dando assim, lugar ao desenvolvimento de sua feminilidade.

Contudo, para assumir uma posição feminina, ela tem ainda como tarefa efetuar a mudança da mãe para o pai como objeto de amor. A menina, a partir do momento em que se constata castrada, decepçiona-se com a mãe e volta-se para o pai na esperança de que ele venha a recompensá-la. Millot (1988) considera esse direcionamento para o pai a própria essência do complexo de Édipo para ambos os sexos. A mãe é destituída de seu lugar de poder, lugar para onde é dirigida a demanda, e o pai ocupa o seu lugar. Segundo Freud,

“... sua nova relação com o pai pode começar tendo por conteúdo um desejo de ter o pênis dele a sua disposição, mas culmina noutro desejo - ter um filho dele como presente” (1938, p.222)

A menina, portanto, só abdica da demanda de um pênis, na medida em que antevê uma compensação. Seria então, na equivalência simbólica entre pênis (falo) e filho <sup>2</sup>, que “*culminaria*” (Freud, 1924, p.223. Grifo nosso) o complexo de Édipo feminino, colocando, assim, a menina em direção à feminilidade. Esta seria, para Freud, a posição feminina normal.

<sup>2</sup> Esta equação simbólica pênis=bebê tem, segundo Freud (1905,1917), origem nas teorias sexuais infantis. Do ponto de vista do inconsciente, os conceitos bebê e pênis, bem como fezes e dinheiro são tratados como equivalentes, podendo substituir um ao outro. No caso pênis e bebê, há ainda um fator importante que contribui para esta ligação. Eles são designados em alemão pelo mesmo termo, isto é, por “das kleine” que significa “o pequeno”.

Como vimos, o fator operador da mudança de sexo e de objeto é o complexo de castração que, ao contrário do menino, introduz a menina no complexo de Édipo propriamente dito, que é para ela uma formação secundária (1925, p.318). Mais precisamente, é a inveja do pênis, a própria essência do complexo de castração na menina, que constitui a força motriz que a impele a se afastar da mãe e se voltar para o pai. A descoberta da castração representa para a menina uma reviravolta que vai determinar seu destino.

O complexo de castração se torna, assim, o conceito responsável pela reviravolta teórica concernente à teoria da simetria sexual em Freud. Ele cria o complexo de Édipo na menina, enquanto que para o menino o destrói, traçando caminhos diferentes para os dois sexos. No entanto, ele só pode ser compreendido se tomarmos como pressuposto a primazia fálica.

O complexo de castração pode ainda conduzir a menina a outros destinos, além do da feminilidade. Ela pode não superar o fato de não ter um pênis e se aferrar à idéia de um dia vir a obtê-lo, supervalorizando a masculinidade pré-edípica. Este desejo pode ser tão intenso a ponto dela se recusar a admitir que é castrada e manter a convicção que realmente possui um pênis, portando-se como se fosse um homem. A escolha de um objeto homossexual pode ser decorrente deste complexo de masculinidade.

Há ainda um outro caminho possível. A decepção e o sentimento de inferioridade advindos da comparação com o pênis do menino assumem tamanhas proporções que chegam a provocar a total renúncia à sexualidade com a cessação da vida sexual, o que para Freud equivaleria à neurose. Nestes dois últimos casos, a confusão entre pênis e falo, à qual nos referimos anteriormente, permanece. Pommier (1985) descreve esta ocorrência de forma interessante. No caso do naufrágio da sexualidade, a falta de pênis se traduz como falta de falo: não tenho pênis = logo não tenho falo. No caso oposto, de uma supervalorização da masculinidade pré-edípica, a equivalência é colocada nos seguintes termos: já que tenho o falo = então tenho um pênis.

Já em relação à posição feminina final, enquanto uma das três saídas para o complexo de castração na menina, a superposição entre pênis e falo se

desfaz na entrada do Édipo sob efeito da castração, e o órgão masculino deixa de ser o depositário único do falo simbólico. A ausência do pênis não implica no abandono de uma sexualidade orientada pela ordem fálica, assim como o fato de estar submetida a ela não pressupõe a posse de um pênis, de modo que pênis  $\neq$  falo. O curioso é que o desejo de um pênis (=falo), na opção pela feminilidade normal, não é eliminado, ao contrário, permanece no inconsciente sob a forma de bebê, contribuindo, segundo Freud (1924), para preparar a criança do sexo feminino para o seu papel posterior, que, aqui, parece estar ligado à maternidade. Freud vai mais além, afirmando que o desejo do pênis é o desejo feminino *par excellence* (1933, p.158). A inveja do pênis, neste sentido, é constituinte da feminilidade.

Talvez resida neste paradoxo o que Freud chamou de “enigma da natureza da feminilidade” (1931, p.140). Ao mesmo tempo em que impelê a menina em direção à feminilidade, o desejo do pênis restringe o *pleno* acesso a ela, posto que é fálico, masculino. Enquanto subsistir este desejo na mulher, persiste a impossibilidade de total apropriação da feminilidade que está, desde então, para além da mulher, operando como uma virtualidade, um atributo fugidio, que ela consegue em menor ou maior grau capturar. Podemos entender, assim, o fato de Freud dar o estatuto de enigma à mulher, na medida em que este enigma é expressão dessa inserção nos dois universos, masculino e feminino (Freud, 1933) e na medida em que a feminilidade se coloca como algo a se atingir. É provável que as mulheres só apareçam na obra freudiana marcadas por um a-menos, por estarem sempre referidas a esta feminilidade que pretensamente deveriam alcançar, mas que é por princípio inacessível.

Rivière (1929), no seu famoso caso clínico ‘A mascarada’, ilustra muito bem a situação da mulher frente à dualidade que marca seu psiquismo. Ela considera a feminilidade como uma máscara, uma vestimenta utilizada pela mulher para encobrir a masculinidade inerente ao desejo de pênis que está no cerne de seu psiquismo e também utilizada como anteparo ao vazio de seu sexo. A aura de mistério que envolve a mulher se deve ao fato da feminilidade

para além da máscara ser inapreensível e constituir o alvo de uma busca incessante.

Os conceitos de feminino, sexualidade feminina e feminilidade se prestam a várias significações no texto freudiano (Almeida, 1993) tornando-se um tema vasto e complexo. Nossa pesquisa, contudo, pretende investigar a feminilidade enquanto um destino da sexualidade feminina derivado do complexo de Édipo, levando em consideração aquilo que Freud descreveu como sendo suas características. Em outras palavras, o que nos interessa é pensar como se estrutura o psiquismo da mulher, especialmente seu superego, partindo de sua inscrição fálica e de sua busca incessante de um saber definitivo sobre a feminilidade, que é, para ela própria, tão contingente.

## 1.2 - O pré-Édipo e a sexualidade feminina

Segundo Freud, o interesse da psicanálise se concentra em torno da indagação de “como a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual” (Freud, 1933, p.144). Assim, apesar do reconhecimento, por sua parte, da importância do relacionamento pré-edípico da menina com a mãe na determinação dos destinos de sua sexualidade, ele não se detém profundamente no estudo desta fase e não chega a fazer uma revisão radical de seus pontos de vista sobre a mulher a partir desta descoberta. De acordo com Hamon (1992), Freud em 1931 teria declarado que

“... tudo já havia sido dito na literatura analítica sobre o sujeito, ele não teria nada a fazer senão colocar um pouco de ordem” (Hamon, 1992, p.8. Tradução nossa).<sup>3</sup>

Desta forma, a discussão sobre a sexualidade feminina nos anos 30 se concentra em torno das duas operações que a menina tem que realizar e que estão ausentes do complexo de Édipo masculino: a troca de zona erógena e a troca de objeto. Tornar-se mulher, para Freud, refere-se à transferência dos

<sup>3</sup> “...tout était déjà dit dans la littérature analytique sur le sujet, il n’aurait fait qu’y mettre un peu d’ordre” (Hamon, 1992, p.8).

investimentos afetivos da mãe para o pai e à renúncia à masculinidade pré-édipica como pré-condição, duas idéias que vão ser problematizadas. Ao contrário do que nos disse Freud noutra ocasião<sup>4</sup>, o desenvolvimento sexual feminino se apresenta agora como “mais difícil e mais complexo” (Freud, 1933, p.145).

Abandonar o clitóris em favor da vagina não é tarefa fácil uma vez que este órgão desempenha papel preponderante na atividade sexual da fase pré-édipica, fase considerada de importância crucial na caracterização da sexualidade feminina. Em 1931, Freud afirma que a bissexualidade está muito mais presente nas mulheres do que nos homens pelo fato delas possuírem dois órgãos genitais, um masculino e um feminino: o clitóris e a vagina respectivamente.

Na fase de ligação exclusiva à mãe, a sexualidade da criança é masculina. O clitóris desempenha o mesmo papel que o pequeno pênis para o menino na busca de sensações prazerosas, chegando Freud a considerar que, neste sentido, “a menina é um homenzinho” (1933, p.146). Para ter acesso à feminilidade, a sensibilidade e a importância do clitóris devem ser transferidos “total ou parcialmente” (Freud, 1933, p.146) à vagina. Mas, uma vez que a mudança para uma posição feminina normal não implica no abandono da referência fálica, que continua prevalecendo, esta transferência de excitação é sempre parcial, de forma que o clitóris continua a participar da vida sexual feminina normal (Freud, 1931, p.262).

Tampouco a mudança de objeto da mãe para o pai se apresenta como um problema simples, uma vez que Freud também vai enfatizar a atividade fálica da menina em relação à mãe. Que forças têm o poder de destituir esta relação tão intensa entre mãe e filha? Esta pergunta vai orientar Freud nas suas últimas considerações sobre a mulher. Ele enumera vários fatores que, juntos, seriam responsáveis pela hostilidade que vai separar a menina da mãe, e que vão desde a queixa de ter sido pouco amamentada, ciúme de outro bebê, até as acusações

---

<sup>4</sup> “O complexo de Édipo na menina é muito mais simples do que no pequeno portador de pênis; em minha experiência raramente vai além de assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina para com o pai” (Freud, 1924, p.223)



sobre o fato dela não ter lhe dado um pênis, dando expressão aí ao fenômeno que orienta a sua sexualidade: a inveja do pênis.

A natureza e a peculiaridade da relação da menina com a mãe e os efeitos do complexo de castração na menina são questões que vão tomando vulto na reflexão freudiana sem, no entanto, serem desenvolvidas em toda sua amplitude. As indagações sobre a saída do Édipo vão perdendo sua intensidade, sendo deslocadas cada vez mais para a entrada nele, até que, em 1933, quase não são mencionadas.

Assim, vemos se esboçar um campo onde a mãe pré-edípica surge no centro da cena, ocupando para a menina o lugar correspondente ao pai edípico para o menino. Os últimos escritos de Freud (1931,1933) sobre o assunto expressam enfaticamente sua surpresa diante da descoberta da influência que a ligação com a mãe exerce no psiquismo da mulher. Diz ele:

“... não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos esta fase de sua vinculação pré-edípica à mãe.” (Freud, 1933, p.148).

Essa descoberta é de tal importância para a psicanálise, que Freud a compara à descoberta de uma civilização antiga, a mino-micênica por detrás da civilização da Grécia. Os laços pré-edípicos na menina são tão poderosos que Freud se retrata da universalidade da tese que afirma ser o complexo de Édipo o núcleo das neuroses: pelo menos no caso da menina, a fase pré-edípica “comporta todas as fixações e repressões que podemos fazer remontar à origem das neuroses” (Freud, 1931, p.260). Mais tarde, em 1938, reafirma a importância da mãe “como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações posteriores - para ambos os sexos” (Freud, 1938, p.217).

A literatura psicanalítica que trata do tema da sexualidade feminina, em sua maioria, não cansa de repetir estas últimas conclusões de Freud. No entanto, pouco se explora em que pontos especificamente a ligação primitiva com a mãe é decisiva. O que Freud destaca como sendo o elemento mais marcante na relação da menina com a mãe é a masculinidade que caracteriza a

sexualidade da menina naquele período que vai deixar marcas indeléveis no seu psiquismo. Freud (1931, p.259) chega a afirmar que a fase edípica de ligação com o pai não acrescenta praticamente nada à vida erótica da menina, com exceção da mudança de objeto. “Ela simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe” (Freud, 1931, p.226), que não é apagada nem destruída, mas *transferida* para o pai.

Está assim questionado o lugar que o pai ocupa na vida sexual feminina: chegaria ele a realmente substituir a mãe diante da menina ou seria somente um representante dela? (André, 1986). O próprio fato do clitóris continuar a participar da vida sexual feminina normal pode representar uma prova da permanência da ligação com a mãe.

De uma forma ou de outra, está decretada a importância da mãe nos destinos sexuais traçados pela menina e é na medida em que a particularidade desta relação vai se refletir na formação das instâncias psíquicas que ela vai nos interessar.

A relativa ausência da mãe nos estudos freudianos não deixou de causar repercussões no meio psicanalítico. Sprengnether (1990), por exemplo, se pergunta sobre o motivo desta ausência. Segundo ela, é no mínimo contraditório o fato daquela que dispensa a maioria dos cuidados com o corpo, a higiene, a educação da criança, pelo menos na sociedade ocidental, ser aquela que menos impõe marcas na sua constituição psíquica. O fato é que a ênfase na figura paterna dentro da dinâmica do Édipo como quem faz cumprir a lei, acaba por minorar a influência da mãe na constituição subjetiva da criança.

A proibição do incesto está no cerne do complexo de Édipo e, na teoria freudiana, o pai é o agente desta lei, mesmo que “a ameaça provenha mais geralmente da mãe” (Freud, 1931, p.268). A lei que proíbe o incesto não somente funda subjetivamente o sujeito, mas está na origem da história da civilização humana.

Os chamados textos culturais, onde Freud (1913, 1927a, 1929) tenta estender a psicanálise para o social, enfatizam a primazia da autoridade paterna na constituição do sujeito. Este foi o centro do debate entre Freud e Jung que

acabou por separá-los definitivamente. Jung (1916) protestava contra a localização da origem da moralidade na proibição do incesto. Para ele, o incesto era um problema ainda mais primitivo, que dizia respeito à fantasia do bebê em relação à mãe, sendo esta a responsável principal pela aplicação da lei geradora da moralidade humana. Ele se baseava na suposição de que, na origem da humanidade, a sociedade era matriarcal e o poder e a autoridade eram exercidos pelas mulheres, já que a presença dos homens era fortuita. Também se utilizava de estudos mitológicos sobre divindades femininas e da figura da natureza como “Grande Mãe”, para dar encaminhamento à sua tese.

Um outro autor que destaca o papel da mãe, removendo o pai do lugar central no complexo de Édipo é Otto Rank (1923). Rank, da mesma forma que Jung, vai enveredar pelo estudo do antigo simbolismo das figuras femininas. Sua tese afirma ser a separação da mãe, por ocasião do nascimento, o protótipo de toda castração. Todas as experiências de frustração ou ansiedades posteriores estariam referidas a este acontecimento traumático.

Apesar de, num primeiro momento, Freud se mostrar receptivo à tese de Rank, chegando a afirmar que suas idéias sobre o nascimento eram “o mais importante progresso, desde a descoberta da psicanálise” (apud Jones, 1954, p.59), mais tarde (1926) as combate ferozmente, uma vez que a tese do trauma do nascimento poria abaixo sua teoria fundamental: a do complexo de Édipo como origem das neuroses e fundador da cultura (Jones, 1953; Spengnether, 1990).

É interessante notar que, apesar dos constantes debates acerca da influência da mãe na organização sexual infantil, [Freud insiste em manter fixado o eixo de suas teorizações na autoridade paterna dentro do complexo de Édipo. A mãe aparece muito mais frequentemente como objeto do que como sujeito.] Assim como no mito freudiano da origem da cultura, a mulher figura unicamente como objeto de circulação e troca. No início, somente o pai tinha acesso às mulheres. Com o seu assassinato, os filhos as dividiram entre si. O desejo dessas mulheres nunca foi cogitado.

O papel da mãe na organização sexual da criança, especificamente no que se refere à relação pré-edípica, tem um papel marginal na obra freudiana, salvo, é claro, os dois textos finais (1931, 1933) onde ele aborda exclusivamente este tema. Mas, mesmo nestes textos, o ponto que Freud parece destacar é exatamente aquele que ressalta o caráter masculino da sexualidade da menina e não algo especialmente feminino nesta relação.

### 1.3 - O debate sobre a diferenciação sexual nas décadas de 20 e 30

Muito raramente Freud incorpora nos seus textos a opinião de outros autores contemporâneos e, muitas vezes, graças apenas a seus biógrafos e suas cartas a Fliess é que temos acesso a essas idéias. Não devemos subestimar, entretanto, o papel desempenhado por vários autores na elaboração da obra freudiana, seja por darem contribuições no sentido de enriquecer as teses de Freud ou por se oporem a elas.

Apesar de reconhecer publicamente a contribuição de algumas analistas mulheres (ignorando algumas como por exemplo Joan Rivière) no debate e no fornecimento de material de estudo proveniente das análises de suas pacientes, Freud apenas destaca um traço ou outro relevado por elas, apontando, na maior parte das vezes, para os pontos que confirmam sua teoria. É o que fica explícito na revisão bibliográfica feita ao final do texto “Sexualidade feminina” de 1931. Mas, ao contrário do que parece, a importância destas mulheres vai muito além de uma mera confirmação dos pontos de vista de Freud. Segundo Hamon (1992), a interlocução de Freud com essas analistas teria, até mesmo, modificado sua posição na condução do movimento psicanalítico:

“Uma figura inédita se destacava: não mais a de um mestre detentor do saber, mas a de um pesquisador incitado ao trabalho por seus alunos” (Hamon, 1992, p.10. Tradução nossa)<sup>5</sup>

<sup>5</sup> “Une figure inédite s’en dégageait: non plus celle d’un maître détenteur du savoir, mais celle d’un chercheur mis au travail par ses élèves” (Hamon, 1992, p.10).

Talvez nenhum outro tema tenha estimulado tanto a comunidade psicanalítica como o tema da sexualidade feminina. O texto de 1925, “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, gerou muita polêmica no meio analítico da época, principalmente na Inglaterra e provocou a publicação de vários artigos contestando ou confirmando as teorizações de Freud sobre a mulher.

A maioria dos autores contemporâneos de Freud (Jones, 1927; Muller-Braunswieg, 1926; Klein, 1932; Horney, 1922) se colocou em oposição a ele no que se refere a um ponto chave de sua teoria: levantaram-se contra a primazia do falo e as incidências do complexo de castração no Édipo feminino, alegando ser sua fundamentação baseada numa ideologia falocêntrica. Eles propunham a existência de uma direção feminina primária ou já dada, mais ligados talvez a referenciais da biologia para a qual o sexo biológico seria determinante do sexo psicológico, ou ainda, pensavam haver um direcionamento precoce da criança em direção ao genitor do sexo oposto, o que estaria em continuidade com as idéias de Freud em 1900 quando este propôs uma total simetria entre a sexualidade de meninos e meninas. Vejamos mais atentamente alguns destes autores.

Jones (1927) acreditava que os analistas homens eram preconceituosos e subestimavam a importância do órgão feminino. Para ele, por detrás de um temor da castração, estaria a mais importante ameaça para as meninas e meninos: a cessação total e definitiva da sexualidade. Para designar este medo primordial, ele usa a palavra grega “aphanisis”. A não satisfação dos desejos edípicos, que estariam presentes muito precocemente, despertaria este temor.

Tanto Jones (1927) quanto Klein (1932) postulavam a instalação do conflito edípico em estágios muito mais precoces do que aqueles que foram estudados por Freud. Segundo eles, a menina passaria diretamente da oralidade ao complexo de Édipo por deslocamento do seio da mãe ao pênis do pai. Segundo Klein (1932), o desejo do pênis na menina, tão enfatizado por Freud, é um desejo erótico impulsionado pelos “instintos femininos”.

√ Klein (1932) postulou que, desde tempos bem remotos, a menina possui o conhecimento de seu órgão genital, a vagina, contrariando a tese princeps de Freud que pressupõe para ambos os sexos a ignorância do órgão sexual feminino até a puberdade. Na concepção desta autora, não somente a menina reconheceria a vagina, mas também a supervalorizaria da mesma forma como o menino faz com seu pequeno pênis, o que traria consequências fundamentais para o desenvolvimento feminino. Assim, a angústia organizadora do psiquismo feminino não seria a de castração mas a angústia de penetração. O maior temor que afligiria a menina seria o de ser atacada no interior de seu corpo. Horney (1922), que compartilha da mesma idéia, acrescenta que o investimento libidinal no clitóris, característico da fase fálica, é uma defesa contra uma possível agressão à vagina e que a inveja do pênis, além de não ser um fenômeno inevitável, “não faz senão complicar o desenvolvimento feminino” (Horney apud Passos, 1980, p.38). Horney (1922) também concorda com Jones (1927) no que concerne à existência de uma psicosexualidade feminina primária presente antes do conhecimento, na fase fálica, da diferença sexual, posição também defendida por outros:

“Eu tenho a impressão de que ... a menina, desde muito cedo, se exprime psiquicamente de modo feminino; de que este modo de expressão corresponde a um saber inconsciente do papel passivo do seu aparelho genital feminino, a vagina, e que a inveja do pênis tem o sentido de uma formação reativa ... (Müller-Braunschweig, 1926, p.108. Tradução nossa).<sup>6</sup>

Segundo Müller-Braunschweig (1926), todo desenvolvimento do ego da menina toma o sentido de uma reação contra essa passividade inerente ao feminino e de defesa contra a dominação ativa, masculina. Para ele, no que concerne à tendência sexual, a exigência do “id masculino” (p.108) impele à violação da mulher, e o “id feminino” (p.108) a se deixar violar pelo homem. A angústia correspondente à angústia de castração no menino seria, então, na

<sup>6</sup> J'ai la impression que ... la petite fille, beaucoup plus tôt déjà, s'exprime psychiquement de façon féminine; que ce mode d'expression correspond à un savoir inconscient du rôle passif de son appareil génital féminin, le vagin, et que l'envie du pénis a déjà le sens d'une formation réactionnelle...” (Müller-Braunschweig, 1926, p.108).

menina, a angústia de ser violada. A menina criaria compensatoriamente um pênis fantasmático numa tentativa de eliminar a angústia provocada pela atitude passiva primária e também como uma formação reativa contra o conhecimento de sua feminilidade passiva. Em relação a este pênis imaginário, a menina sofreria ameaças de castração sendo, então, a formação de instâncias psíquicas, como o ideal do ego e o superego, equivalente à do menino. Para ambos, meninos e meninas, a formação do superego representaria uma defesa contra a castração e a violação respectivamente. Müller-Braunschweig (1926) fala, então, de uma angústia de castração secundária na menina, uma vez que sua clínica demonstrou que a fantasia reativa da posse do pênis é indestrutível.

Já Klein (1932) acredita que o temor de ter seu interior danificado viria da projeção da agressividade sobre o pênis mau. A introjeção desse pênis mau constituiria o núcleo do superego, que seria mais severo que o do menino em função da receptividade/passividade feminina.

Com estas teorizações, os autores contemporâneos de Freud dão início a um debate sobre a diferenciação sexual que sobrevive até os nossos dias e em torno do qual se dividem os psicanalistas.

Encontramos, na literatura recente, teorizações que estão em franca continuidade com o pensamento dos autores acima citados. Dolto (1982) postula uma feminilidade precoce e um direcionamento primário da criança em direção ao sexo oposto:

“A atração da menina pelos homens, na situação em que ela já não necessita, momentaneamente, de cuidados e de alimentos, pode levar-nos a pensar que a ‘feminilidade’ se acha disseminada em todo o corpo da menina, a qual reage à masculinidade complementar que emana do corpo dos homens ... Cumpre saber, como já afirmei anteriormente, que o bebê reconhece os homens e as mulheres antes mesmo de ver; as meninas - seja pelo olfato, seja pela audição da voz - são muito sensíveis à presença masculina, particularmente à do pai. É bem diferente do que acontece com os meninos, que são sensíveis a todas as presenças femininas, e especialmente à de sua mãe. A menina é sensível à presença da mãe quando necessita dela; quando se sente saciada e

confortável, ela é mais atraída por um elemento masculino do que por uma mulher” (Dolto, 1982, pp.47, 109).

Para esta autora, a menina organiza seu Édipo a partir do temor de ser violada: “A angústia de violação pelo pai, na idade edipiana, representa para o desenvolvimento da menina o mesmo que a angústia de castração para o desenvolvimento do menino” (Dolto, 1982, p.76). Este temor feminino advém da percepção da menina da não conformidade entre sua vagina pequena e o pênis do pai, muito superior em tamanho.

Chasseguet-Smirgel (1975) também acredita num conhecimento primário da vagina por parte de meninos e meninas:

*“Minha hipótese é que a teoria sexual do monismo fálico corresponde não a uma falta de conhecimento da vagina mas a um splitting do ego ou a um recalque de uma parte primitiva do conhecimento” (Chasseguet-Smirgel, 1975, p.16. Tradução nossa)<sup>7</sup>.*

Para esta autora, a teoria do monismo fálico é uma teoria defensiva que tenta resguardar o menino da ferida narcísica provocada pela confrontação com a diferença de gerações: a mãe possui uma vagina que o pequeno pênis infantil não é capaz de satisfazer e que perde, e muito, na comparação com o pênis adulto do pai.

A posição de Freud em relação a toda esta problemática, contudo, sempre foi bem clara. Ao afirmar que a diferenciação sexual se dá somente a partir da confrontação com a castração, ele não deixa dúvidas sobre o fato de não haver uma heterossexualidade inata nem determinada pelo corpo biológico, mas sim produzida. A primazia fálica é pressuposto fundamental na questão da distinção entre os sexos. Seja qual for a posição sexual do sujeito, ela se define em relação à função fálica. É o complexo de castração que opera e dá sentido à diferença sexual. Ele ocupa lugar central na dinâmica do Édipo, que tem papel organizador da sexualidade. Apesar das inúmeras críticas, Freud

<sup>7</sup> *“My hypothesis is that the theory of sexual fallic monism corresponds not to the lack of knowledge of the vagina but to a splitting of the ego or the repression of an early piece of knowledge” (Chasseguet-Smirgel, 1975, p.16)*



mantém o valor estrutural do complexo de castração. É ele que opera o processo do tornar-se mulher, pelo qual a menina abandona uma atividade sexual eminentemente masculina e se volta em direção à feminilidade. Segundo André (1986): “A mulher deve ser praticamente fabricada através de um longo trabalho psíquico”(p.191).

A assertiva de Freud segundo a qual a sexualidade da criança se define a partir da constatação da castração, não exclui, entretanto, a possibilidade, pelo menos no caso da menina, de algo da fase pré edípica subsistir e caracterizar a sexualidade feminina normal final. Ao contrário, ele mesmo se rendeu à descoberta de que: “não poderemos entender as mulheres a menos que valorizemos esta fase de ligação pré-edípica à mãe” (Freud, 1933, p.148). O que é fundamental termos em mente e, parece ser neste ponto que Freud insiste, é que, *mesmo que subsista algo da fase pré-edípica, é somente a partir da confrontação da criança com a diferença, com o outro sexo, que ela pode definir os destinos de sua sexualidade, fazendo sua escolha*. O fato do pré-édipo revelar-se de importância crucial para a configuração de algumas “peculiaridades psíquicas da feminilidade madura” (Freud, 1933, p.161), não destitui a fase fálica e o complexo de castração do lugar central que ocupam na ordenação psíquica da menina, principalmente no que se refere ao seu destino sexual. Os escritos de Freud (1931, 1933) sobre a sexualidade feminina deixam claro que a fase de ligação pré-edípica com a mãe deixa marcas importantes na configuração da sexualidade da menina, mas, ainda neste momento, não é possível prever a escolha sexual do sujeito.

Mesmo discordando das teorizações dos autores contemporâneos de Freud que afirmam ser a sexualidade da criança determinada precocemente, independente da castração e do Édipo, não podemos deixar de reconhecer o papel fundamental destes autores no desenvolvimento do tema da sexualidade feminina. A leitura cuidadosa de seus artigos revelou-se surpreendente por encontrarmos uma séria e consistente pesquisa sobre diferenciação sexual e sexualidade feminina baseada na observação clínica e, ao contrário do que esperávamos, em direta continuidade com os escritos de Freud da época. Esta

faceta da obra destes autores é pouco destacada pela literatura psicanalítica, que prioriza as teorizações de cunho biologizante contrárias a Freud. A referência constante ao texto freudiano, com inúmeras citações, possibilita, até mesmo, um resgate da história da teoria da sexualidade feminina em Freud. As citações de sua obra a partir das quais trabalhavam podem ser entendidas como precursoras das formalizações teóricas de Freud da década de 20 e demonstram um percurso, uma elaboração de Freud na direção destas idéias. É quase clássico falar do hiato que compreende o tempo decorrido entre o caso Dora e os textos de 1923b-24 onde começam a ser esboçadas as noções básicas que vão nortear as posições posteriores sobre a sexualidade feminina. Mas, embora Freud não tenha produzido neste ínterim uma obra específica sobre o tema, existem fragmentos que nos ajudam a trilhar o caminho de suas idéias.

Assim, vemos, a partir dos textos dos autores contemporâneos de Freud, que, desde 1914, ele se refere à uma posição masculina na mulher subjacente à posição feminina que seria secundária. Em 1916, destaca o ressentimento da menina com sua mãe por esta não ter lhe dado um pênis, trazendo-a ao mundo como mulher (p.356) e, em 1917, descreve as equações psíquicas que tratam pênis e bêbe como equivalentes, apontando para o caráter compensatório da maternidade para as mulheres. Pontos que só vão receber uma organização teórica consistente na década de 30.

A riqueza encontrada nos artigos dos autores mencionados ao longo deste tópico não se restringe, porém, às citações da obra de Freud, mas diz respeito também ao material clínico a partir do qual puderam antecipar certos aspectos da teoria aos quais Freud só vai dispensar devida atenção mais tarde, em 1931 e 1933. Este é outro ponto que gostaríamos de destacar.

Neste sentido, Van Ophuijsen (1917) observa o efeito traumático, para as mulheres, da comparação de seu próprio corpo com o de alguém do sexo masculino, causando muito frequentemente o desejo de ser um homem e a inveja de seu atributo fâlico. Ele ressalta também, assim como Lampl de Groot (1927), o papel do clitóris como órgão sexual prazeroso para menina, análogo ao pênis para o menino. Esta última autora adianta a assertiva de Freud de que

a menina, por ocasião da fase fálica, “é um homenzinho” (Freud, 1933, p.146).

Diz ela sobre a menina:

“Nos primeiros anos de seu desenvolvimento individual, ... ela se comporta exatamente como o menino; tanto no que se refere à prática do onanismo, quanto à sua vida psíquica: em seus desígnios amorosos e na sua escolha do objeto, *ela é realmente um homenzinho*” (Lampl de Groot, 1927, p.121. Grifo nosso)<sup>8</sup>

Horney (1922), por sua vez, antecipou-se a Freud ao deslindar as reviravoltas decorrentes do complexo de castração feminino. Ela observou que este complexo provém, na verdade, de uma decepção por parte da menina que não teve satisfeito seu desejo de obter um filho do pai. Esta decepção é algo tão insurportável para a menina que a remete regressivamente em direção à relação primitiva com a mãe, onde se aferra ferozmente à inveja do pênis.

Muitos destes autores (Van Ophuijsen, 1917; Deutch, 1932; MacK Brunswick, 1940) trabalharam sobre o tema do homossexualismo e o complexo de masculinidade nas mulheres, chamando a atenção para importância da fase pré-edípica no percurso da sexualidade da menina. Estudaram também a particularidade do complexo de castração e do complexo de Édipo na menina, destacando a bissexualidade acentuada das mulheres e a fantasia da posse do pênis (Rivière, 1929; Müller-Braunschweig, 1926; Stärcke, 1920).

Além de todas essas contribuições teóricas e clínicas, pensamos ser a mais importante delas o fato destes autores apontarem, com uma certa antecedência de Freud, a necessidade de se estudar a sexualidade feminina em sua especificidade, demonstrando que a feminilidade constitui um campo específico de estudo. Por estes motivos, consideramos a leitura de sua obra uma etapa imprescindível na compreensão da teoria freudiana da feminilidade, bem como da posição teórica de alguns autores contemporâneos.

<sup>8</sup> “Dans les premières années de son développement individuel, ... elle se comporte exactement comme le garçon, autant en ce qui concerne sa pratique de l'onanisme que dans sa vie psychique: dans ses visées amoureuses et dans son choix d'objet, elle est réellement un petit homme” (Lampl de Groot, 1927, p.121).

## CAPÍTULO 2

### Sobre o Superego: Algumas Articulações

“...o homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe...” (Freud, 1923a, p.68).

#### 2.1 - Superego feminino: uma questão para os nossos dias

Segundo Freud, a mulher não se desliga completamente de seus vínculos edípicos, “elas permanecem no Édipo por tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e ainda assim de modo incompleto” (1933, p.159), logo, não há uma dissolução deste complexo da mesma forma como ocorre no menino, o que seria fundamental para o estabelecimento do superego. Como consequência, o superego feminino vai “sofrer um prejuízo” (Freud, 1933, p.159) em sua formação, ele “não consegue atingir a intensidade e a independência, as quais lhe confere sua importância cultural” (Freud, 1933, p.159). Em função deste desfecho incerto do complexo de Édipo, a formação do superego feminino vai sofrer uma “modificação” (Freud, 1925, p.320), modificação esta, em cuja explicação Freud não se detém. Podemos concluir, a partir de nossas leituras, que Freud não construiu uma teoria sobre o superego feminino, ele apenas o descreveu naquilo que ele não é. Assim, embora ele afirme a existência de um superego na mulher, diz também que, para elas,

“... o nível daquilo que é eticamente normal é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens” (1925, p.319-320)

e segue,

“... [as mulheres] demonstram menor senso de justiça que os homens e estão menos aptas a se submeterem às grandes exigências da vida (...) são mais amiúde

influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição e hostilidade ...” (1925, p.320).

Mas, as afirmações de Freud (1925) a respeito de uma constituição precária do superego feminino, segundo as quais poderíamos chegar a dizer que as mulheres seriam seres pouco éticos (Kehl, 1992), não correspondem ao que a observação e a experiência clínica dos nossos dias nos mostram: as mulheres não estão livres dos efeitos causados pela ação de um superego, nem de conflitos morais e culturais:

“É inegável que nossas pacientes apresentam formações psíquicas da ordem do superego, nos falam de conflitos que envolvem valores éticos e morais e parecem envolvidas em questões sociais e culturais tanto quanto seus parceiros ou até onde lhes permite sua neurose” (Garcia, 1993, p. 46).

Parece que as questões que hoje nos são apresentadas pela clínica e mesmo pelo social, não são as mesmas que se impuseram diante do fundador da psicanálise. Novas perguntas exigem novas respostas.

As afirmações freudianas sobre uma formação precária do superego feminino, como lembra Millot, “foram frequentemente destacadas, e denunciadas como reveladoras mais de sua misoginia do que de uma observação clínica imparcial” (1988, p.33). Não vamos, porém, reivindicar uma igualdade entre os sexos neste ponto, seguindo o protesto de um certo feminismo. O fato é que estas observações a respeito do superego feminino parecem ser muito mais fruto de posições teóricas de Freud derivadas de seus estudos sobre a sexualidade masculina, do que uma reflexão atenta a partir de sua clínica com pacientes mulheres.

A formação - ou deformação - do superego feminino, definitivamente, não era uma questão para Freud, no sentido de que não o impulsionava na produção de sua teoria sobre a sexualidade feminina. Ao contrário, em sua opinião, ela impunha um obstáculo no debate sobre o tema da feminilidade, tornava-o “mais obscuro e cheio de lacunas” (Freud, 1924, p.222). Assim, na parte IV de seu artigo “Sexualidade feminina” (1931) ele faz uma pequena

revisão da literatura relatando que alguns autores, cujos nomes não são citados, lidam simultaneamente com os problemas do superego e do sentimento de culpa e a descrição da sexualidade feminina, o que ele próprio teria evitado fazer por considerar que a discussão ficaria “obscurecida” por esse embate (Freud, 1931, p.276). Portanto, a discussão sobre o superego feminino não estava colocada ao lado das questões sobre a feminilidade, além de não ser para Freud um ponto importante no debate com seus contemporâneos.

O fato de Freud ter apenas descrito o superego feminino naquilo em que ele não é e de não tê-lo considerado um tema de estudo relevante nas suas pesquisas sobre a mulher, nos leva a pensar que a idéia de um superego feminino mal constituído parecia não chamar sua atenção. Talvez porque estivesse de acordo com o lugar e as funções desempenhadas socialmente pelas mulheres no início do século XX em Viena. Vários estudos (Bertin,1990; Shorske,1990) demonstram que a mulher ocupa um papel diferenciado em relação ao homem neste período. Suas atividades eram restritas ao âmbito privado. A ela eram reservados os afazeres domésticos, além da educação e dos cuidados com as crianças. Era-lhe também vedado o acesso a universidades, o direito ao voto e a outras participações no domínio público. Vejamos uma curiosa carta de Freud destinada a Martha Bernays, então sua noiva:

“... é também completamente impensável querer lançar as mulheres na luta pela vida à maneira dos homens. Por exemplo, eu deveria considerar minha doce e delicada querida como concorrente? Nesse caso, acabaria por lhe dizer como fiz há 17 meses que a amo, que farei qualquer esforço para tirá-la desta concorrência e que lhe atribuo como domínio exclusivo a tranquila atividade do meu lar. É possível que uma nova educação venha a sufocar todas as qualidades delicadas da mulher, sua necessidade de proteção, que absolutamente não impede suas vitórias, de forma que ela possa, como os homens, ganhar sua vida. Em geral é possível que nesse caso, não se tenha razão em deplorar o desaparecimento da *coisa mais deliciosa que o mundo tem a nos oferecer: nosso ideal de feminilidade*. Acho que todas as reformas legislativas e educativas fracassarão em consequência do fato de que, bem antes da idade em que um homem pode garantir para si uma boa situação em nossa sociedade, a natureza decide o destino de uma mulher proporcionando-lhe beleza, encanto e bondade” (carta de 15 de novembro de 1883; apud Bertin, 1990, p.79-80. Grifo nosso).

Ora, Freud não era diferente dos homens de sua época que exaltavam as mulheres pelas suas qualidades domésticas e a elas delegavam um lugar diferenciado. É no mínimo intrigante o fato de, na vida social, Freud conceber a mulher de forma tão diferente do homem e, na teoria, utilizar por tanto tempo os mesmos parâmetros para o estudo da sexualidade masculina e feminina. Mesmo sendo um observador perspicaz, a particularidade da sexualidade feminina ficou-lhe durante um longo tempo irrelatada. Podemos supor que a convicção da validade de suas teorias, bem adequadas ao menino, era tão forte, que obscurecia sua observação da especificidade feminina e dos desdobramentos teóricos possíveis a partir dessa descoberta.

Somos levados a acreditar que o lugar social da mulher no final do século XIX em Viena influenciou a forma pela qual Freud desenvolveu sua teoria sobre ela, principalmente no que concerne à lei e à moralidade, questões que estavam muito mais relacionadas à esfera pública, da qual a mulher não participava.

Concluimos, então, que Freud tinha em mente uma determinada representação de mulher a partir da qual tirava suas conclusões: mulheres que se restringiam às atividades domésticas e corresponham ao seu “ideal de feminilidade”. E é baseado nesta representação que ele afirma:

“As mulheres são mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos, do que os homens” (Freud, 1933, pp.164,154).

O que diria ele das mulheres de hoje, que têm uma intensa participação na vida cultural e intelectual, chegando a ocupar cargos importantes na vida pública? Hoje, os comentários de Freud sobre a mulher, parecem desafinados aos nossos ouvidos.

Como vimos, é somente na década de 20 que Freud se rende à tarefa de tratar das vicissitudes da vida sexual feminina em sua especificidade, por ver-se “confrontado de forma inequívoca” (Freud, 1923b, p.179) por ela, de maneira que não houve tempo para desenvolver o tema em toda sua amplitude. Desde

Dora (1905) suas considerações sobre a mulher vinham sendo acompanhadas de um tom hesitante e de uma aura de indefinição, que o fazem, no final de sua obra, (1933) delegar aos poetas e à ciência o fardo de decifrá-la. Em 1925, quando faz sua primeira apresentação das vicissitudes psíquicas da menina desvinculada da do menino, o faz sem a certeza da validade de suas novas idéias. Observa que outras descobertas, como aquelas apresentadas na “Interpretação dos sonhos” (1900) e no caso Dora (1905), puderam ser retidas por vários anos, até que fossem confirmadas (Freud, 1925, p.309). Mas, sua tese sobre a sexualidade feminina não pode esperar, seu tempo é limitado, não dispõe mais de “oceans of time” (Freud, 1925, p.310). Diz Freud:

“Desta vez, sinto-me justificado em publicar algo que está em urgente necessidade de confirmação, antes que seu valor ou falta de valor possa ser decidido” (1925, p.310).

Segundo declaração feita em 1931, os meandros da relação da menina com a mãe, que o fizeram derivar uma teoria sobre a sexualidade feminina, ficaram-lhe por tanto tempo irreveleados, devido ao fato de na transferência as mulheres só reproduzirem a ligação secundária com o pai. Parecia-lhe na verdade que

“... as analistas femininas - tais como, por exemplo, Jeanne Lampl-de-Groot e Helene Deutsch - foram capazes de perceber estes fatos mais fácil e claramente por terem sido auxiliadas, ao lidarem com as que se achavam em tratamento com elas, pela transferência a uma substituta materna adequada” (Freud, 1931, p.261).

Em outra ocasião (1920), interrompe a análise de uma jovem homossexual e aconselha a seus pais que, “se davam valor ao procedimento terapêutico, este deveria ser continuado por uma médica” (Freud, 1920, p.204), já que a transferência com uma mulher tornaria mais fácil levar a análise adiante.

Está indicado, principalmente nestes dois últimos casos, que havia algo na transferência de Freud com as mulheres que dificulta seu acesso a elas. Aliada à representação de mulher vigente no seu tempo estava, então, sua



própria dificuldade em relação ao tema, que encontra expressão nessa impossibilidade de ocupar o lugar da mãe na transferência. O próprio Freud teria feito uma confissão neste sentido à poetisa americana Hilda Doolittle, que teve como analisanda no período entre o verão de 1933 e o outono de 1934<sup>9</sup>:

“E ... é preciso que eu lhe diga (...) não gosto de ser a mãe numa transferência. Isto sempre me surpreende e me choca um pouco. Eu me sinto tão masculino” (Freud apud Brun, 1989, p.99).

Hamon (1992) desconfia da ignorância sobre o desenvolvimento sexual da menina, professada por Freud com particular insistência nos textos de 1931 e 1933 e, se surpreende pela questão da mulher aparecer tão tardiamente em seus escritos, principalmente pelo fato de sua clínica ser constituída por um número bastante significativo de mulheres, talvez até maior que de homens. Segundo ela, esse tempo que Freud levou para fazer suas considerações sobre a feminilidade foi um tempo de perlaboração, necessário para que ele pudesse vir a abordar o tema.

O dado ressaltado por Hamon de que a clínica de Freud era constituída principalmente por mulheres pode, ao contrário do que se poderia pensar, ter contribuído para que a especificidade da sexualidade feminina ficasse irrevelada. As mulheres que Freud recebia eram, na sua maioria, histéricas e, assim sendo, traziam mais evidentemente uma problemática em relação ao pai. A relação com a mãe, tão importante para o entendimento da sexualidade feminina, ficou encoberta por muito tempo pela trama que envolvia mais frequentemente a figura do pai. Apesar de Freud ter se dado conta da ligação com mãe subjacente à ligação com o pai, como atestam seus comentários sobre o caso Dora, ele parece não ter lhe conferido a devida importância naquele momento. Podemos supor que este tenha sido um dos fatores determinantes da persistência de Freud numa analogia completa entre a sexualidade de meninos e meninas até os anos 20.

---

<sup>9</sup> Ver também a esse respeito Assoun, 1983b, p.82-86.

Assoun (1983b) também não acredita numa ignorância por parte de Freud, apontando para o caráter indissociável da relação entre psicanálise e feminilidade:

“Parece-nos chegado o momento, à parte os juízos de condenação ou reabilitação, sobre qual teria sido a ‘atitude’ freudiana para com a mulher, de descobrir o que se *revelou* aí: a saber, a história da mulher na análise, através da qual uma e outra se descobriram reciprocamente” (p.20)

O que teria, então, sucedido neste tempo decorrido entre o nascimento da psicanálise, onde a questão histórica ocupava lugar de destaque, e os anos 30, momento em que Freud sistematiza a teoria da feminilidade? “Teria Freud, nesse meio tempo, ‘esquecido’ a mulher?” se pergunta Assoun. Segundo este autor: “Tudo indica ter havido aí o tempo da posterioridade, mediante o qual Freud extraiu as conseqüências de uma relação: o conteúdo da teoria freudiana deve ser (re) lido sob essa perspectiva” (Assoun, 1983b, p.100).

Talvez esta relação de implicação recíproca tenha dificultado a abordagem do tema da sexualidade feminina como um campo específico de estudo. Para Assoun (1983b), quando Freud (1926) afirma ser a vida sexual da mulher adulta um *dark continent* para a psicologia, está revelando, não um desconhecimento em relação à mulher, mas possibilitando a emergência de um novo campo de estudo:

“...Freud só sublinhou o caráter relativamente inexplorado deste continente no momento em que pôde identificá-lo como um continente a *ser* explorado. ... isso confirma claramente que não foi por falta de conhecimento sobre o continente-mulher que ele se interrogou, mas pela necessidade de mudar de passaporte e de bússola para interrogar este continente.” (Assoun, 1983b, p.21)

Apesar de estarmos cientes da necessidade deste novo passaporte e desta nova bússola, o modo pelo qual ainda pensamos a trajetória feminina toma como modelo a forma como Freud genialmente descreveu a do menino:

Contudo, se seguirmos em relação à menina os mesmos parâmetros pelos quais Freud delinea o complexo de Édipo e a formação de instâncias psíquicas no menino, chegaremos à conclusão de que ela fica sempre aquém, não sendo tão bem constituída quanto ele.

Freud descreve o processo de identificação e formação das instâncias tomando o menino como exemplo. Segundo ele, o mesmo desenvolvimento se aplicaria “mutatis mutandis” (1923a, p.48) à menina. Mas, a teoria construída sob o paradigma do desenvolvimento do menino não levou em consideração a particularidade feminina.

Para pensar a formação do superego feminino, é necessário lançar um novo olhar sobre a teoria. É o que pensa também Garcia (1993):

“É possível que a disposição para pensar essa diferença resulte na necessidade de reformulação de alguns eixos teóricos que se têm mostrado adequados à compreensão da dinâmica masculina, mas que talvez sejam insatisfatórios na discussão do que seja a feminilidade” (p.51).

Parece que Freud, apesar da virada teórica que representou a idéia de uma dissimetria sexual, não chegou a mudar radicalmente seu ponto de vista sobre a mulher. Em 1924 afirma:

“Não tenho dúvidas de que as relações cronológicas e causais, aqui descritas entre o complexo de Édipo, a intimidação sexual (ameaça de castração), a formação do superego e o começo do período de latência são de um gênero típico, porém, não desejo assegurar que esse tipo seja o único possível” (Freud, p.224).

No entanto, em seus textos posteriores sobre o assunto, não apresenta outra ordem possível no que se refere ao desenvolvimento da menina, proclamando sem hesitação um prejuízo na formação de seu superego que se torna signo de sua pouca moralidade e senso de justiça.

É na re colocação destas relações, “cronológicas e causais” (Freud, 1924, p.224), que esperamos encontrar um caminho para pensar a formação do superego feminino, não como inferior ou deficitário, mas com uma configuração e características particulares e diferentes do superego masculino.

Para prosseguirmos nessas reflexões, se faz necessário uma investigação mais detalhada do conceito de superego e suas origens na obra de Freud. Vamos nos dedicar, então, a essa tarefa.

## 2.2 - O conceito de superego e suas origens na obra de Freud

Ao iniciarmos o nosso estudo sobre o superego, logo nos confrontamos com a estreita ligação entre este conceito e o conceito de ideal do ego na obra freudiana. Embora Freud não faça, a rigor, uma diferenciação entre eles utilizando-os muitas vezes como sinônimos, acreditamos ser possível uma discriminação operativa nos planos terminológico e conceitual que nos será muito útil na discussão sobre o superego feminino.

Uma primeira distinção que de imediato podemos fazer entre superego e ideal do ego, baseia-se no fato deste último estar inserido num campo conceitual geneticamente anterior e diferente do do superego, que aparece em 1923 com a construção da segunda tópica freudiana. O ideal do ego, tal como é descrito na primeira tópica, é herdeiro do narcisismo, enquanto o superego vai ser considerado o herdeiro do complexo de Édipo (Winograd, 1983). Este tipo de distinção requer que partilhemos do princípio de que a primeira e a segunda tópica são níveis conceituais que têm sua especificidade. De fato, a segunda tópica traz contribuições teóricas importantes, que acabam por provocar um redimensionamento dos conceitos já existentes. Isto não significa, entretanto, que um conceito supere o outro pelo fato de ter sido construído posteriormente na teoria.

A profunda relação na qual estes dois conceitos estão mergulhados dá margem a diversas leituras possíveis a partir do texto de Freud. Uma delas privilegia a visão de que o superego engloba a função de ideal, sendo, contudo, superego e ideal do ego noções distintas. Outra, numa referência literal ao texto "O ego e o id" (1923a), entende que o ideal do ego e o superego são uma mesma instância, e ainda outra que concebe o ideal do ego como uma noção

totalmente distinta e independente do superego. Vamos, então, percorrer os textos de Freud, e também de alguns pós-freudianos, que representam essas diferentes leituras.

Freud introduz o ideal do ego como categoria metapsicológica em 1914, deixando bem clara sua origem narcísica:

“O que ele (o homem) projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era seu próprio ideal” (Freud, 1914, p.111).

Paul-Laurent Assoun (1983a) faz uma genealogia do conceito de ideal do ego, perguntando por que razão ele não aparece antes de 1914, e porque Freud vai introduzir esta noção. Em relação à primeira pergunta, ele afirma que a teoria do narcisismo vai desvelar um novo ponto de vista sobre o sujeito até então ofuscado pelo ponto de vista dominante, que enfatizava a objetividade libidinal. Naquela perspectiva, que privilegia a libido objetual, o ideal ficava literalmente invisível. Quanto à segunda pergunta, que especula o motivo pelo qual Freud introduz o conceito de ideal de ego, Assoun vai responder que Freud tinha que dar um destino à “megalomania de antigamente” (Freud, 1914, p.110), ou seja, ao narcisismo infantil. Haveria, de acordo com Freud (1914), um narcisismo primário que estaria relacionado à um ego ideal, e um narcisismo secundário que se relacionaria à um ideal de ego. Veremos esta distinção mais adiante.

Apesar do conceito só ter sido cunhado em 1914, a noção de ideal do ego já figura em textos anteriores a esta data (1895,1908). Assim, no “Projeto para uma psicologia científica” (1895), Freud fala do desamparo original como sendo a origem mais primitiva de todos os motivos morais. Por desamparo original, Freud entende a incapacidade do bebê humano de se satisfazer sem ajuda externa, e este seria o principal fator da dissolução da megalomania primária. As frustrações e a impossibilidade de satisfação imediata produziriam uma quebra na onipotência narcísica, introduzindo uma lacuna, um vazio com o qual a criança vai ter que se confrontar. Nas palavras de Chasseguet-Smirgel, “o nascimento do ego e seu ideal é contemporâneo das primeiras frustrações e

do nascimento do objeto” (1973, p.750) e, portanto, concomitante com a saída do narcisismo primário e da projeção do mesmo sobre um ideal, como uma forma de restaurar a onipotência perdida.

Apesar destas indicações anteriores, é apenas em “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914) que o termo ideal do ego aparece sendo consagrado definitivamente por Freud como herdeiro do narcisismo. O ideal do ego seria como um “artefato que permite o amor de si arcaico perdurar, sobreviver ao naufrágio do narcisismo infantil” (Assoun, 1983a, p.94).

O afastamento do narcisismo primário e a construção do ideal do ego representam um passo importante na formação do ego, já que, segundo Freud, este não existe desde o começo, ele tem que ser desenvolvido:

“O desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora ...” (Freud, 1914, p.117)

Segundo Freud, o principal fator da dissolução da onipotência primária, que vem se juntar ao desamparo original, descrito em 1895 e reafirmado em 1923a (p.50), é a interferência do complexo de castração, que refreia a atividade sexual infantil, impondo à criança restrições consoantes com as exigências da cultura. Neste sentido, o conceito de ideal do ego designa, em Freud, “as representações culturais e sociais, os imperativos éticos tal como são transmitidos pelos pais” (Nasio, 1988, p.51). Como observa Sérgio:

“É através da constituição do ideal do ego que se torna possível não só a superação do narcisismo individual - pela influência da realidade externa agora também internalizada - mas por ele permitir um grau maior de inserção social - identificação a partir do ideal do ego compartilhado por vários indivíduos” (1984, p.98).

Esta relação com os valores da cultura marca a constituição do ideal do ego e representa um ponto distintivo em relação ao ego ideal, pois, apesar de ambos terem uma origem narcísica, eles expressam noções bastante distintas. O

ego ideal seria o depositário do mais primitivo amor de si, seria o possuidor de toda perfeição que os pais projetam na criança. É uma formação psíquica marcada pela onipotência e pela megalomania, forjada pelo narcisismo primário, “ele não se reduz à união do ego com o id, antes, compreende uma identificação primária com outro ser, investido da onipotência, isto é, a mãe” (Lagache apud Laplanche & Pontalis, 1967).

→ O ideal do ego, por sua vez, não é somente o representante do narcisismo, mas este narcisismo modificado pela crítica parental:

“O que induziu o indivíduo a formar um ideal do ego, em nome do qual sua consciência atua como vigia, surgiu da influência crítica de seus pais, aos quais vieram juntar-se, à medida que o tempo passou, aqueles que o educaram e o ensinaram ...” (Freud, 1914, p.113)

Em outras palavras, o ideal do ego resultaria da união do narcisismo com as identificações com os pais e com os ideais da cultura (Laplanche & Pontalis, 1967). Sua formação representa a superação do narcisismo primário pela influência da realidade externa internalizada.

Embora a distinção entre ego ideal e ideal do ego não tenha adquirido uma ampla dimensão em Freud, mas em autores pós-freudianos, podemos detectar no texto de 1914 as nuances que distinguem estes dois conceitos, como por exemplo na seguinte passagem:

“O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a este *novo ego ideal*, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcísica de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não poder mais reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a *nova forma de um ego ideal*”<sup>10</sup> (Freud, 1914, p.111. Grifo nosso).

<sup>10</sup> É fato notório que esta passagem apresenta um erro de tradução. Na edição alemã onde está ego ideal lê-se ideal do ego.

Neste trecho, parece-nos ficar claro que, apesar de relacionado ao narcisismo infantil, o ideal do ego não se resume a ele. Representa um distanciamento deste ego ideal, uma “*nova forma* deste ego ideal”, construída a partir da interferência da crítica dos pais.

É interessante notar que Freud não usa o termo ego ideal depois de 1914 e não retoma o desenvolvimento deste conceito. Segundo Garcia (1988):

“A substituição de ego ideal por ideal do ego, em Freud, se faz acompanhar por uma ênfase na discussão sobre interdição e moralidade enquanto o estudo da idealidade recebe muito pouca atenção por parte de Freud” (Garcia, 1988, p. 15. Tradução da autora).

A operação de formação do ideal do ego vai ter um importante papel no processo de recalçamento. Sua formação vai trazer consequências para o ego, que vai ter aumentado seu nível de exigência e de trabalho. O ego, de agora em diante, vai constantemente se comparar ao seu ideal, que encerra as “idéias culturais e éticas de um indivíduo” (Freud, 1914, p.110). O ideal constitui um modelo de perfeição que o ego vai buscar realizar na esperança de reaver a perfeição narcísica. Instala-se, assim, uma tensão permanente entre eles. Por este motivo, o ideal do ego vai ser colocado como fator condicionante do recalque - o ego recalca, mas o ideal do ego o motiva a recalcar. Freud nos diz também neste texto que “a satisfação deriva do acesso a este ideal” (1914, p.117), que conseqüentemente diminuiria a tensão entre ego e ideal do ego.

Também em 1914, Freud introduz a noção de “consciência moral” (Gewissen), que possui as características mais tarde atribuídas ao superego. A consciência moral funciona como um instrumento de medida das relações do ego e seu ideal, como guardião do ideal, e que realiza

“...a tarefa de assegurar a satisfação narcísica proveniente do ideal do ego, e que, com esta finalidade em vista, observasse constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal” (Freud, 1914, p.112).

---

<sup>11</sup> “The substitution of ideal ego by ego ideal, in Freud, is followed by an emphasis in the discussion of interdiction and superego morality while the study of ideality from then on is given little attention by him” (Garcia, 1988, p.15)



Não somente nesta passagem, mas durante todo o texto, Freud deixa bastante claro que esta instância psíquica especial é distinta do ideal e se coloca em relação a ele com extremo zelo. A esta instância crítica são atribuídas outras funções além de censor do ego, a saber, a consciência e a auto-observação. Os termos que Freud utiliza para se referir a ela denotam esse caráter vigilante: “agente psíquico especial” (p.112), “agente de censura” (p.113), “agente criticamente observador” (p.114).

Já em 1914, a consciência moral ocupa o lugar de instância, enquanto o ideal, longe disso, é definido pela “tensão projetiva do eu”<sup>12</sup> (Assoun, 1983, p.95. Tradução nossa). Isso quer dizer que o ideal tende a não se cristalizar, a não se fixar como uma instância, pois ele se define sempre pela tensão em relação ao ego. A instância crítica funciona como um indicador das relações do ego com seu ideal. O termo consciência moral, deixa entrever um caráter legal que parece característico do superego anunciado em 1923. Concluindo, *o ideal do ego seria uma imagem à qual o ego tentaria corresponder, enquanto o superego aquela instância que observa, mede esta relação*. Ao nosso ver essas características marcam bem a distinção que queremos demonstrar entre ideal do ego e superego.

Antes de 1923, quando Freud introduz o conceito de superego, temos ainda uma outra referência à instância superegógica. No estudo sobre a melancolia (1917a), Freud destaca o importante papel desempenhado pelo “agente crítico” (p.280) no desenvolvimento desta afecção patológica. Este agente crítico se separa do ego e julga-o criticamente, tomando-o como objeto. Na melancolia, a crítica proveniente desta parte diferenciada do ego assume proporções exageradas, levando o ego à um estado de empobrecimento extremo. Embora Freud não faça, a rigor, uma diferenciação entre o próprio ideal do ego e a instância interessada em sua realização, como acontece claramente em 1914, ele nota que, neste quadro clínico, a insatisfação com o ego se deve a “motivos de ordem moral” (p.280), podendo-se ainda pensar em uma possível diferenciação entre os dois termos. Observa-se também neste

---

<sup>12</sup> “tension projective du moi” (Assoun, 1983, p.95).

texto de 1917 que o agente crítico se comporta notadamente de maneira independente do ego, mas não é ainda descrito como uma instância, mas como uma “instituição do ego” (p.280).

Já em 1921, no texto “Psicologia das massas e análise do ego”, vai haver uma recolocação teórica importante. Não há mais uma polarização entre ideal e agente crítico. Freud se utiliza do termo ideal do ego para designar a formação psíquica responsável pela auto-observação, consciência moral, censura dos sonhos e recalçamento. Agora sim, numa posição diferente da de 1914, as funções do ideal e do agente crítico se fundem formando uma só instância. Freud já apresenta aqui uma definição bem próxima da que vai atribuir ao superego no texto “O Ego e o id” (1923a).

É neste último texto que Freud utiliza o termo superego pela primeira vez, sendo então sinônimo e tendo as mesmas características do ideal do ego postulado no texto “Psicologia das massas e análise do ego”. Em 1923, tudo parece se passar como se o ideal do ego e o superego fossem uma só instância resultante do processo de identificação com os pais no momento do declínio do complexo de Édipo, onde se conjuniriam as dimensões da interdição e a do ideal. Nas palavras de Sérgio (1984):

“... o conceito de superego desenvolvido em 1923 é um resultado da combinação destas duas noções ideal do ego e agente observador” (p.80).

No entanto, o uso, neste texto, dos termos ideal do ego e superego alternados para designar esta instância, sugere uma indefinição entre os conceitos. O termo ideal do ego raramente aparece sozinho, sendo acompanhado na maioria das vezes pelo termo superego (ideal do ego ou superego). Isto ocorre principalmente quando Freud faz referência às origens da identificação com o pai da pré-história pessoal e quando se refere aos sentimentos éticos, morais e sociais:

“É fácil demonstrar que o ideal do ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem” (Freud, 1923a, p.51).

Assoun (1983a) chama atenção para o comportamento semântico das duas entidades psíquicas em questão: Freud designa, de forma geral, o ideal do ego e o superego como diferenciações no interior do ego (1923a, p.42), mas, o termo superego é empregado prioritariamente na referência à instância como um estrato, um traço de sedimentação constituído ao final do Édipo, enquanto o ideal do ego é utilizado quando a ênfase é colocada sobre o processo e o movimento de constituição de si mesmo. A operação pode ser descrita desta forma: a formação do ideal do ego é condição para o recalçamento do Édipo, que consolida no sujeito a instância superegógica.

Mais adiante, em 1933, nas suas “Novas conferências introdutórias à psicanálise”, Freud retoma quase nos mesmos termos a distinção feita no texto sobre o narcisismo. Ao invés de equivalência entre superego e ideal, eles são colocados em relação um com o outro. Ao superego são atribuídas três funções: auto-observação, consciência e a função de ser “veículo do ideal do ego, pelo qual o ego se avalia” (p.84) e de “manter o ideal” (p.86), num sentido semelhante ao de 1914 onde o agente especial tinha a tarefa de assegurar a satisfação proveniente do ideal do ego. O ideal do ego passa, então, a ser um componente do superego, como se este englobasse, administrasse o ideal.

Em 1933, assim como em 1914, as duas funções não se confundem: o superego parece ter a função de impor, de fazer cumprir o ideal. Este, por sua vez, mantém o seu lugar de modelo, de representante “da mais alta natureza do homem” (Freud, 1923a, p.51).

Estas últimas considerações de Freud sobre os conceitos de ideal do ego e superego demonstram que eles não são equivalentes. Há, entretanto, uma interação muito íntima entre funções que desempenham. Concluimos, então, que não há uma confusão no que se refere às funções, que, ao contrário, aparecem sempre diferenciadas, mas uma confusão essencialmente terminológica entre os conceitos. Talvez isso se dê pelo fato da formação do ideal do ego ser precursora da formação do superego. A construção do superego está fundamentalmente ligada aos processos de identificação e formação do

ideal do ego, sendo ele a “última agência a ser incluída no aparato psíquico” (Chasseguet-Smirgel, 1973, p.359). O que ocorre do momento de sua formação em diante é que o superego engloba, toma para si a função de ideal.

### 2.3 - O superego e suas vertentes: ideal e agente crítico

Vimos o quanto na obra de Freud é difícil delimitar os conceitos de ideal do ego e superego como conceitos completamente distintos, não somente por uma confusão terminológica existente no texto, mas principalmente pelas imbricadas relações que as duas noções mantêm entre si. O que podemos distinguir com certa clareza é a existência de funções distintas que se articulam no processo de constituição do sujeito. Sendo assim, optamos por utilizar a última acepção do termo superego, empregada por Freud em sua conferência de 1933, que atribui ao superego as funções de agente crítico (consciência e auto-observação) e de ser “veículo do ideal do ego” (Freud, 1933, p.84).

O superego, quando faz sua aparição no texto de 1923 surge como resultado do complexo de Édipo. Nas palavras de Valls (1983): “o superego é um monumento comemorativo do complexo de Édipo” (p.528). Ele se constitui na medida em que o ego pode dominar este complexo, erigindo dentro de si esta instância que “dando expressão permanente à influência dos pais, perpetua os fatores a que deve sua origem” (Freud, 1923a, p.50). O superego é, neste sentido, o representante dos laços libidinais com os pais, idéia que fica bem clara nesta afirmação:

“Quando acontece uma pessoa ter que abandonar um objeto sexual, muito amiúde segue uma alteração em seu ego que só pode ser descrito como instalação do objeto dentro do ego ... Pode ser que, ... através desta introjeção o ego torne mais fácil ao objeto ser abandonado ou torne possível este processo. Pode ser que esta identificação seja a única condição em que o id pode abandonar os seus objetos” (Freud, 1923a, p.43).

Entretanto, o superego não é só representante das primeiras escolhas amorosas do id,

“... ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘você deveria ser assim (como seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘você não pode ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele’. Esse aspecto duplo deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade é a esse evento revolucionário que ele deve a sua existência” (Freud, 1923a, p.45).

O primeiro aspecto do superego levantado nesta citação, aquele que encoraja a identificação, estaria relacionado ao ideal; o segundo estaria ligado ao caráter proibitivo do superego, relacionado à barreira do incesto. O superego é, por este último aspecto, considerado representante da castração: “a castração institui o superego como seu representante e representativo da lei” (Mitchel, 1982, p.14), garantindo com a formação desta instância sua eficácia permanente. Esta vertente do superego parece ter sido privilegiada nas discussões teóricas de Freud. O superego é concebido como a internalização da autoridade parental, que forma no seio do ego, um conjunto de exigências morais e proibições que o sujeito, do momento de sua formação em diante, imporá a si mesmo. Uma vez que a criança abandona suas ligações edipianas, parte de seu ego se identifica com a figura parental interditora, produzindo uma diferenciação em seu ego que vem a se constituir como uma de suas partes, isto é, seu superego. Assim, Freud, em 1923, vai dizer que encontramos no ideal do ego ou superego o representante das nossas relações com nossos pais: nós os admiramos e os tememos e, mais tarde, os assimilamos em nós mesmos.

Temos, então, duas vertentes: uma ligada ao ideal (a admiração), e outra ligada a interdição das pulsões (o temor). Para alguns autores, aí esta a grande diferença entre estes dois conceitos:

“Enquanto o ego obedece ao superego por medo do castigo, submete-se ao ideal do ego por amor” (Nunberg apud Laplanche & Pontalis, 1967, p.291).

Poder-se-ia, também, relacionar o amor e o medo à origem do ideal do ego e do superego. O ideal do ego seria formado a partir da imagem dos objetos amados e o superego a partir da imagem dos objetos temidos (Laplanche & Pontalis, 1967).

Apesar das numerosas referências a essas duas vertentes, alguns autores (Assoun, 1983a; Valls, 1983) que trabalham sobre esta questão preferem não apresentar o ideal do ego e o superego como instâncias completamente distintas e independentes devido à crítica de pouco rigor metodológico, já que em Freud não há esta distinção conceitual. No entanto, continuam mantendo a diferenciação de suas funções. Assim, Lagache fala de um sistema superego-ideal do ego:

“O superego corresponde à autoridade e o ideal do ego à forma como o indivíduo deve se comportar para corresponder à expectativa da autoridade” (Lagache apud Laplanche & Pontalis, 1967, p.291).

Assoun (1983a) nesta mesma linha que marca diferentes funções para o ideal do ego e superego afirma:

“O superego legisla sobre o ego, enquanto o ideal do ego o regula (...) O ideal tem uma vocação ética dentro do movimento imperativo superegóico” (1983, pp.100,101; Tradução nossa).<sup>13</sup>

As referências ao superego geralmente destacam seu caráter de crueldade, seguindo a indicação do texto freudiano, que a partir de 1923 vai privilegiando a função crítica e punitiva desta instância. A face tirânica e selvagem do superego foi também relacionada por Freud ao fenômeno clínico da reação terapêutica negativa, às auto-punições e acusações desmedidas presentes na melancolia e em alguns outros estados, bem como às atrocidades cometidas pelo homem como as guerras, suicídios e assassinatos. Esta manifestação do superego apresenta “um caráter compulsivo, que se manifesta

<sup>13</sup> “Le Surmoi légifère sur le Moi, l’Ideal du Moi le régule plutôt ... l’Ideal a vocation éthique dans la mouvence de l’impératif surmoïque” (Assoun, 1983, pp.100,101)

sob a forma de um imperativo categórico” (Freud, 1923a, p.49) e que, no caso da melancolia, Freud denominou uma “cultura pura da pulsão de morte” (1923a, p.69).

O aspecto tirânico do superego foi devidamente ressaltado por Lacan e seus seguidores, constituindo um importante campo de estudo, principalmente pelos impasses clínicos que esta face do superego nos coloca. Pensamos, contudo, que enveredar pelo estudo dessa vertente tirânica não traria grandes esclarecimentos sobre a constituição do superego na mulher, pois o que parece estar em questão nas declarações de Freud sobre a precariedade do superego feminino não é o seu aspecto cruel, mas sim seu aspecto moral, na medida em que remete à articulação da mulher com a lei engendrada pela castração e em que remete ao estatuto da mulher como ser social. Embora estes aspectos não sejam excludentes, é o superego, enquanto representante do código da cultura possibilitado pelo submetimento dos sujeitos à lei que, segundo Freud, parece faltar no psiquismo feminino. Assim, vamos privilegiar o estudo da vertente ideal na dinâmica do psiquismo feminino e a sua participação na constituição do superego da mulher.

Vimos que, para Freud, o superego está relacionado diretamente ao final do Édipo e, segundo ele, o complexo de Édipo feminino não tem um fim definido. O processo de dominar o próprio Édipo (Freud, 1923a, p.51,52) não é feito, senão, de modo incompleto. Estariam, assim, as mulheres mais livres do domínio do superego? Pensamos que não. A experiência clínica nos dá testemunho do sofrimento de nossas pacientes provocado por conflitos morais e culturais com os quais elas se debatem. Como então se explica a existência de um superego na mulher? Por que esta questão é tão problematizada no campo psicanalítico? Supomos que a grande dificuldade que enfrentamos se deve ao fato das principais teorizações de Freud sobre a construção do sujeito terem sido elaboradas antes que a questão da dissimetria sexual estivesse estabelecida, além do fato de Freud não ter feito uma revisão dessa teoria a partir de suas novas teorizações sobre a mulher. O que nos propomos é, partindo da obra de Freud, tentar pensar como se constitui a instância

superegóica na mulher, que consequências, ou melhor que efeitos o percurso da sexualidade feminina provoca na formação do seu superego e, em última instância, quais são as características do superego feminino.



## CAPÍTULO 3

### As Identificações

#### 3.1 - A dinâmica das identificações na constituição do ideal do ego e superego

Freud afirma em 1923 que tanto o ideal do ego quanto o superego se originam de identificações. A partir da segunda tópica, a identificação se torna um conceito central no texto freudiano na medida em que está fundamentalmente relacionada à formação das instâncias psíquicas, que são descritas como resquícios deixados pelas relações de objeto. Nossa atenção deve, então, se concentrar na importância deste mecanismo no processo de formação dos dois conceitos em questão.

Voltemos a 1921, ao texto “Psicologia das massas e análise do ego”. Lá, Freud dedica um capítulo ao estudo da identificação onde destaca sua importância na constituição do sujeito. Ele se refere inicialmente a uma identificação primária como sendo “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (Freud, 1921, p.133). O ego procura se moldar de acordo com aquele que tem como modelo: um menino “gostaria de crescer como ele [seu pai], ser como ele, tomar seu lugar em tudo” (Freud, 1921, p.133). Este processo seria preparatório do complexo do Édipo.

Mais adiante, em “Ego e o id”, Freud (1923a) vai reiterar esta posição afirmando que os efeitos da identificação primária serão “gerais e duradouros” (1923a, p.45). Na origem do ideal do ego estaria a primeira e a mais importante identificação com os pais da pré-história pessoal<sup>14</sup>. Este tipo de identificação “direta e imediata” (Freud, 1923a, p.45) ocorre mais primitivamente do que qualquer escolha de objeto (p.46) ou, como afirma em 1917, constitui

---

<sup>14</sup> Freud se refere aos pais porque a criança não fazia distinção de valor entre pai e mãe até se dar conta da diferença sexual.

“...uma etapa preliminar da escolha de objeto - e uma forma expressa de maneira ambivalente - pela qual o ego escolhe um objeto” (Freud, 1917a, p. 282).

Nesta fase do desenvolvimento, identificação e catexia de objeto não se distinguem. O narcisismo primário da criança revive o narcisismo dos pais, que projetam nela todos os sonhos e perfeições que eles não foram capazes de concretizar, fazendo do seu filho “o centro da criação - sua majestade o bebê” (Freud, 1914, p.108). O que há é uma identificação maciça do bebê com esta imagem idealizada produzida pelos pais.

Em seguida, no mesmo texto de 1921, Freud descreve um outro tipo de identificação, a identificação regressiva. Ela toma o lugar da escolha de objeto, que *regride* para uma identificação. No lugar do objeto renunciado ou perdido, surgem identificações com características ou traços deste objeto: o ego assume as características do objeto. Esta operação também pode ser encarada como uma estratégia utilizada pelo ego para aprofundar suas relações com o id e mesmo de ser amado por ele: em compensação à perda do objeto, o ego assume suas características se oferecendo ao id como objeto de amor (Freud, 1923a).

Um passo importante para a teorização da identificação regressiva e sua relação com a formação do superego foi dado no texto “Luto e melancolia” (Freud, 1917a). Nele, Freud descreveu o processo no qual um objeto que fora perdido foi instalado dentro do ego por meio de uma identificação. A parte do ego modificada por esta identificação se coloca contra a outra parte, “... julga-a criticamente e, por assim dizer, toma-a como seu objeto” (Freud, 1917a, p.280). Freud observa também que esse “agente crítico” (p.280) que se separa do ego mantém uma certa independência dele.

Esta forma de identificação, descrita especificamente em relação à melancolia, no entanto, vai ocupar um lugar mais relevante na metapsicologia psicanalítica do que este de um simples mecanismo de um estado patológico. Segundo revelação de Freud em 1923, ele próprio, naquela ocasião (1917a), não havia compreendido a importância deste tipo de identificação regressiva na

determinação da forma tomada pelo ego e na construção do que chama “caráter do ego” (1923a, p.43).

É somente em 1923 que Freud vai teorizar claramente o papel da identificação na formação do superego. Ele afirma que a modificação do ego, resultante das identificações provenientes do complexo de Édipo, forma um precipitado no ego que ocupa uma

“...posição especial; ela [a modificação do ego] se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego” (Freud, 1923a, p.49)

Este segundo tipo de identificação, regressiva, vem se sobrepor à identificação primária, reforçando-a. O narcisismo em jogo neste processo é um narcisismo secundário, pois se constitui pelo retorno do investimento, antes dirigido a um objeto, para o ego sob a forma de identificações. Em outras palavras, é o investimento da imagem do ego que agora se encontra modificada pelas identificações (Nasio, 1988, p.55).

Freud (1921) distingue o processo de identificação do processo de idealização, que teria como principal característica a concentração da libido sobre um objeto. Neste caso, ao contrário do que acontece na identificação, onde ocorre uma alteração no ego segundo o modelo do objeto perdido, o objeto não é abandonado, mas mantido e submetido a uma hipercatexia por parte do ego. Por outro lado, a identificação com traços do objeto idealizado, no caso, os pais, tem importante participação na formação das instâncias ideais. Neste sentido, a idealização é também constitutiva do sujeito.

Freud explica também a formação de grupos pela operação de idealização. É a partir da idealização de um objeto em comum (o líder) que ocupa o lugar do ideal do ego, que os membros de um grupo podem se identificar, de forma que, neste caso, “a identificação é a finalidade da idealização”<sup>15</sup> (Assoun, 1983a, p.103. Tradução nossa), ou seja, a idealização promove a identificação.

<sup>15</sup> “...les sujets idéalisent em commun pour pouvoir s’identifier, en sorte que l’identification est la finalité de l’idéalisation” (Assoun, 1983, p.103)

Em casos, como por exemplo na supervalorização sexual característica do enamoramento, a idealização de um objeto pode chegar a níveis extremos: o indivíduo colocaria o objeto no lugar de seu ideal do ego, e se comportaria em relação a ele com extrema devoção, podendo chegar a um estado de humilhação e auto-sacrifício em que “o objeto consumiu o ego” (Freud, 1921, p.143). Este estado parece deixar o ego empobrecido, submetido ao que Freud descreve como “fascinação ou servidão” (1921, p.144), diferentemente do processo de identificação, onde parece haver uma modificação do ego pela introjeção do objeto. Quando isso ocorre, as funções atribuídas ao ideal do ego deixam de funcionar e “a crítica exercida por essa instância silencia; tudo que o objeto faz e pede é correto e inocente” (Freud, 1921, p.143). Tal situação é facilitada quando a distinção entre “o ego e o ideal do ego não se acha muito avançada e os dois ainda coincidem facilmente” (Freud, 1921, p.163).

O fenômeno no qual o objeto é colocado no lugar do ideal do ego, bastante comum no estado de enamoramento, é também similar ao processo da hipnose. O hipnotizador é colocado no lugar de ideal do ego do paciente, que fica sob total influência do médico. Estas situações são geralmente transitórias. Sua persistência, no entanto, pode indicar um estado patológico.

Assim, de acordo com Freud, a formação do ideal do ego possibilita “uma dupla espécie de vínculo: (...) a identificação e a colocação do objeto no lugar do ideal do ego” (Freud, 1921, p.164).

Vejamos agora, brevemente, as relações entre ideal do ego e o processo de sublimação. A formação do ideal do ego aumenta o nível de exigência do ego, fazendo crescer a tensão, que só é eliminada por duas vias: o recalque ou a sublimação, que atende às exigências dos ideais sem envolver recalque. Assim, podemos deduzir que a construção do ideal do ego também promove a sublimação, sendo determinante na sua ocorrência. A sublimação e a construção do ideal, contudo, são processos totalmente independentes.

O conceito de sublimação é bastante difícil de ser apreendido no texto freudiano, pois, apesar de amplamente utilizado, ele nunca foi objeto de um estudo sistemático por parte de Freud. Ao contrário da idealização, que

concerne exclusivamente ao objeto, a sublimação se caracteriza pela mudança na natureza da pulsão que sofre uma dessexualização, sendo desviada a um alvo não sexual. A transformação da libido objetal em libido narcísica que assim se efetua, se faz pela mediação do ego. A libido se desliga dos objetos e fica disponível no ego até que lhe sejam dados outros objetivos. Para que haja sublimação, a libido necessariamente faz um retorno ao ego.

Freud nos apresenta, a respeito do processo sublimatório, duas operações paralelas: a transformação da libido objetal em libido narcísica e a sublimação propriamente dita. O problema que se instaura na definição desses dois processos se deve à relação de implicação recíproca que eles estabelecem entre si. A sublimação depende de que a transformação da libido já tenha sido efetuada. Segundo Sophie Mellor-Picaut (1983), parece que Freud tem em mente dois sentidos para a palavra sublimação; um mais geral, que se refere ao direcionamento da pulsão para um alvo não sexual, no sentido de uma purificação exigida pela moralidade e outro utilizado principalmente depois da segunda tópica, que diz respeito à operação que se efetua pela retirada da libido do objeto, fazendo-a retornar a si, de forma que o ego se torna o primeiro objeto desta pulsão.

Fica claro neste raciocínio a estreita relação entre os conceitos de sublimação e de identificação. A identificação do segundo tipo, segundo Freud (1923a, p.44), se efetua pela transformação de uma escolha objetal erótica em uma alteração no ego, que assume as características do objeto amado por meio de introjeção. Nas palavras de Freud:

“A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização - uma espécie de sublimação, portanto” (1923a, p.44).

Certamente esta transformação por si só não resulta em identificação, mas é uma etapa imprescindível para que ela ocorra. Neste sentido, Freud afirma:

“As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são, em parte, dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) ...” (Freud, 1924, p.221).

A sublimação é, então, a operação que torna possível a passagem de um investimento de objeto para uma identificação com o objeto. Nas palavras de Mellor- Picaut: “o ‘ser como’ vem ocupar o lugar da moção primitiva de amor” (1983, p.135. Tradução nossa)<sup>16</sup>.

O processo sublimatório tem também um importante papel na determinação do caráter de severidade do superego. Freud parte do princípio de que as pulsões de vida e morte estariam ativas em toda partícula de substância viva em proporções variáveis (1923a). Essas pulsões estariam fundidas, misturadas, ligadas. Quando ocorre a sublimação,

“... ocorre ao mesmo tempo uma defusão instintual. Após a sublimação, o componente erótico não tem mais o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição” (Freud, 1923a, p.71).

Esta agressividade potencializa (Freud, 1924) a severidade do superego, que reteve as características de autoridade das pessoas introjetadas, “sua força, sua inclinação a supervisionar e punir” (p.208). No caso da melancolia, segundo Freud, o superego pode se tornar “uma cultura pura do instinto de morte” (Freud, 1923, p.69), centralizando todo o sadismo disponível no sujeito e se voltando contra o ego. De um modo geral, o fato do superego concentrar parte da agressividade liberada pelo processo de sublimação é encarado por Freud (1930[1929]) como um fator bastante positivo na consolidação do processo civilizatório, na medida em que se constitui num meio de minimizar a agressividade dos indivíduos contra ela.

<sup>16</sup> “... le ‘être comme’ est venu remplacer la motion primitive d’amour” (Mellor-Picaut, 1983, p.135)

### 3.2 - As identificações no processo de tornar-se mulher

Agora que já fizemos algumas relações entre as identificações e a formação do ideal do ego e do superego, seria também interessante fazermos uma breve articulação entre os diversos tipos de identificação propostos por Freud e o processo pelo qual a menina se torna mulher.

Freud se refere, em vários momentos (1923a, 1931, 1933, 1938), às diversas modalidades de identificação realizadas pela menina. No que diz respeito à fase pré-edípica, ele destaca a sua acentuada atividade em relação à mãe e a masculinidade que caracteriza este período. Freud observa que a brincadeira de bonecas, bastante freqüente no caso da menina, expressa uma postura ativa em relação à mãe, reproduzindo com o brinquedo os cuidados que a mãe dispensa a ela mesma. Desta forma, a criança se coloca no lugar da mãe, identificando-se com ela (identificação primária). Posteriormente, esta brincadeira adquire um colorido edípico (identificação secundária), passando a significar a expressão de sua feminilidade, contida no desejo de ter um filho do pai (Freud, 1933, p.158)<sup>17</sup>. Assim, Freud (1933) afirma que:

“A fase de ligação afetiva pré-edípica, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante esta fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com as quais mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais” (p.164)

A identificação com a mãe pré-edípica, portanto, longe de negar a importância da identificação primária na caracterização da sexualidade feminina, vai ser fundamental na determinação de traços que vão caracterizar uma posição feminina futura.

Quanto à identificação regressiva, encontramos uma passagem interessante no texto “Esboço de psicanálise” (1938):

---

<sup>17</sup> Cf. Freud, 1938, p.222.

“Se se perdeu um objeto amoroso, a reação mais óbvia é identificar-se com ele, substituí-lo dentro de si própria, por assim dizer, mediante a identificação. Este mecanismo vem agora em auxílio da menina. A identificação com a mãe pode ocupar o lugar da ligação com ela. A filha se põe no lugar da mãe, como sempre fizera em seus brinquedos; tenta tomar o lugar dela junto ao pai e começa a odiar a mãe que costumava a amar” (Freud, 1938, p.222)

Desta forma, Freud descreve para menina em 1938 um processo de identificação semelhante ao que descreveu, em 1923, para o menino em relação ao pai, processo este, responsável pela constituição das instâncias psíquicas. Esta descrição feita para menina em 1938 está de acordo com um comentário feito por ele no texto “O ego e o id”:

“...o desfecho da atitude edipiana numa menininha pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (...) - resultado que fixará o caráter feminino da criança” (1923a, p.47).

O processo de identificação regressiva acima descrito, fundamental para o processo de formação do ego e de seu caráter (Freud, 1923a), ocorre quando a mãe deixa de ser o objeto de amor exclusivo da menina, se tornando uma rival incômoda na disputa pelo amor do pai. No menino, este processo se dá na saída do Édipo e, na menina, quando ela entra neste mesmo complexo.

Mas, como a menina poderia se identificar com a mãe se ela está sendo alvo de uma dupla hostilidade devido ao fato dela não ter lhe dado um pênis e por ser um obstáculo entre ela e o pai? Há, porém, algo nessa mãe que desperta a curiosidade da menina: o fato dela ser desejada pelo pai (Dör, 1985). O que ela tem que o pai deseja? Talvez sejam estes traços “femininos” que a menina busca identificar na mãe para com eles se identificar. A menina vai procurar na mãe as insígnias da feminilidade, ou seja, os atributos que a fazem atraente para o pai. De acordo com André (1986), a depreciação da mãe, e das mulheres em geral, advinda do fato desta não possuir um pênis, não impede a menina de se ver identificada a ela.

Vários autores (André, 1986; Pommier, 1985; Fortes, 1993) tentaram demonstrar a importância de que uma mulher se reveste para outra na procura



de algo que seja próprio à feminilidade. Uma mulher se coloca diante do seu sexo como diante de um enigma a ser decifrado e vê na outra mulher alguém que possa deter a chave deste enigma. Assim, Fortes (1993) explica porque a presença da figura da melhor amiga, da rival, e principalmente a da mãe, ocupa tanto espaço na vida de uma mulher, provocando admiração, ciúme e ódio:

“... a relação de uma mulher com outra pode ser compreendida como uma reedição da relação da filha com sua mãe” (Fortes, 1993, p.97).

É, portanto, como diz Pommier (1985), num jogo de múltiplas identificações que as mulheres se constituem em relação ao seu sexo. Jogo iniciado com a mãe, e perpetuado nas relações com outras mulheres. A constatação de que a mãe é castrada e que ela também o é é um fato penoso para a menina, mas, quando ela compreende que a ausência de pênis tem uma implicação geral, não sendo mais compreendida como um infortúnio pessoal, a mãe se torna um possível objeto de identificação, assim como outras mulheres.

Há ainda uma outra modalidade de identificação à qual Freud se refere e que parece ser utilizada pela mulher como uma forma de obter um saber sobre a feminilidade: a identificação histérica. Esta identificação já conhecida como formadora dos sintomas histéricos, prescinde de qualquer relação de objeto com a pessoa “copiada” (Freud, 1921, p.135). Na chamada identificação histérica, o sujeito tem como objetivo colocar-se na mesma situação de outra pessoa, a partir de um ponto inconsciente comum. Esta identificação, diz Freud em 1900: “não constitui uma simples imitação, mas uma assimilação à base de uma etiologia semelhante” (p.159).

Um ponto importante que a identificação histérica coloca em relevo diz respeito à posição do sujeito em relação ao seu próprio desejo. Neste tipo de identificação, uma mulher se identifica com uma outra mulher, através do desejo de que esta outra é portadora, como no caso das moças do internato, citado por Freud em 1921<sup>18</sup>. Assim, o desejo de uma mulher muitas vezes se

---

<sup>18</sup> Cf. Freud, 1900, pp. 159-160.

encontra atrelado ao desejo de uma outra, ela quer desejar como uma outra deseja. Voltaremos a este assunto um pouco mais adiante.

### 3.2.1.- Uma contribuição lacaniana à teoria freudiana das identificações

Apesar das inúmeras referências de Freud às identificações realizadas pela menina nas diversas fases do processo de tornar-se mulher, a literatura psicanalítica ressalta que é problemática a questão da identificação para ela, no que se refere à constituição de uma identidade feminina. Ela não tem que proceder a uma identificação com o pai da mesma forma que o menino, como observa Millot (1988), mas a identificação com a mãe também apresenta algumas complicações. Alguns autores lacanianos (Pommier, 1985; Millot, 1988) chamam atenção para o fato de que a identificação da menina com a mãe não contribui em nada no que diz respeito a algo específico da ordem da feminilidade. Uma vez que a mãe pré-edípica é fálica, a identificação com a mãe só daria à menina o acesso ao falo. Mesmo o desejo de maternidade, identificado no texto freudiano muitas vezes como signo da feminilidade em Freud, é uma operação situada no registro fálico, na medida em que corresponde à equação simbólica pênis=bebê. Para Pommier,

“...a mulher não tem identificação, mas sim identificações, que exprimem a falta de consistência do traço identificatório e revelam a impossibilidade de definir um modelo feminino (...) A palavra mulher não remete a nada que seja próprio da feminilidade” (1985, p.33)

Uma vez que sua identificação primária é masculina, o que esta identificação pode proporcionar à menina é a entrada no universo fálico.

A identificação regressiva, por sua vez, se processa a partir do momento em que a castração se interpõe entre a criança e a mãe. O problema deste segundo tipo de identificação para menina se encontra no fato de que ele também não lhe dá acesso a algo específico da feminilidade. A identificação com a mãe, agora castrada, não pode sustentar a representação do sexo

feminino no inconsciente. Uma vez que a diferença sexual no psiquismo da criança é colocada em termos de fático-masculino e castrado-feminino, não há o conhecimento da vagina enquanto órgão possível de caracterizar a feminilidade. Não há, portanto, no inconsciente, um significante que represente o sexo feminino, somente o masculino e é unicamente enquanto ausência, que algo da feminilidade pode se colocar (Pommier, 1985). Daí a assertiva lacaniana de que *a mulher não existe*. Baseados neste raciocínio podemos, então, dizer que toda identificação é masculina na medida em que é mediada pelo significante fático. Masculino aqui tomado em sua dimensão simbólica, enquanto termo articulado à estrutura lógica do inconsciente.

Esta idéia sustenta as afirmações de alguns autores (Milot, 1988; Hamon, 1992) no sentido do ideal do ego e superego na mulher serem masculinos, o que não temos como contestar se nos ativermos estritamente ao sentido do termo masculino mencionado acima. Não concordamos, no entanto, com alguns desdobramentos que surgem a partir do pressuposto de que o universo simbólico é fático, como os que afirmam que o superego nas mulheres não se constitui, que é mais frágil e indefinido, ou as que postulam que, na falta do seu próprio, ela utiliza o do parceiro. Parece-nos, analisando as afirmações de Freud e também de autores lacanianos, que o maior problema que a mulher encontra em relação à identificação se refere especificamente à construção de um significante da feminilidade e não à formação de um superego.

Acreditamos, mesmo não podendo falar de uma identidade propriamente feminina, já que à mulher falta no inconsciente o significante de seu sexo, poder distinguir traços que diferenciam homens e mulheres, tanto no que diz respeito à escolha sexual, quanto à formação de seu superego. As vicissitudes, os efeitos, os destinos tomados pela sexualidade da criança a partir da castração e da entrada no universo simbólico vão ser diferentes para meninos e meninas. Isso não significa, entretanto, que o biológico vá determinar esse caminho. De acordo com Freud:

“Algo que ambos os sexos possuem em comum foi forçado, pela diferença entre eles, a formas diferentes de

expressão. (...) O que é comum nos dois temas foi distinguido pela nomenclatura psicanalítica, em data precoce, como sendo uma atitude para o complexo de castração” (Freud, 1937, pp.284-285).

A atitude de cada um frente à castração leva meninos e meninas a caminhos diferentes, provocando como efeito uma estruturação psíquica diferente. Assim, podemos dizer que as mulheres vão constituir um superego masculino porque simbólico, ordenado pela lei fálica, mas feminino, na medida em que é o seu percurso particular no Édipo o que vai lhe dar suas características. É neste sentido que podemos falar de um superego *feminino*.

Assim, é importante observar que Freud, ao mencionar as identificações efetuadas pela menina, parece se referir à feminilidade enquanto um destino possível do seu Édipo e não à feminilidade enquanto uma representação do sexo feminino no inconsciente. Desta forma, as teorizações lacanianas sobre a identificação e a identidade feminina não se opõem nem excluem as postulações freudianas, ao contrário, partem do texto freudiano traduzindo-se em contribuições que só vêm a enriquecer o debate sobre o tema.

## CAPÍTULO 4

### O Complexo de Castração Como Eixo Determinante de uma Releitura Sobre a Sexualidade Feminina

#### 4.1 - Entre o complexo de castração e o complexo de Édipo

Se observarmos o caminho que Freud faz na construção do conceito de superego, não podemos deixar de notar que o surgimento do superego na teoria como instância psíquica herdeira do complexo de Édipo é concomitante aos seus estudos sobre o complexo de Édipo e sua dissolução. O superego, tal como é descrito em 1923, como correlato à saída do Édipo, encontra um lugar adequado na trajetória edípica do menino pois, para ele, o momento da castração coincide com a saída do Édipo.

Consideramos que a teorização sobre o superego feminino foi negligenciada pelo fato de Freud construir sua teoria tentando responder primordialmente às questões que lhe suscitava o desenvolvimento do menino, fazendo as devidas transposições para a menina:

“A grande maioria dos estudos psicanalíticos dos movimentos pulsionais e do desenvolvimento do ego foram feitos sob o ângulo do desenvolvimento do homem, com reajuste secundário a fim de aplicar os resultados obtidos à mulher” (Luquet Parat, 1984, p.9).

Assim, em 1923, no texto “O ego e o id”, quando Freud postula que a formação do superego está vinculada diretamente à dissolução do complexo de Édipo, ele ainda conta com a hipótese de que o desfecho do complexo de Édipo na menina era “precisamente análogo” (Freud, 1923a, p.47) ao do menino. Talvez por isso, ele tenha proferido tão enfaticamente a fórmula: o superego é o herdeiro do complexo de Édipo.

Todavia, no mesmo ano de 1923, as teorizações sobre a sexualidade feminina vão começar a sofrer modificações significativas a partir dos estudos dos efeitos do complexo de castração no desenvolvimento da menina. Após este

complexo, os destinos da sexualidade de meninos e meninas vão tomar caminhos completamente distintos. Temos de ressaltar, contudo, dois pontos de coincidência entre o complexo de castração na menina e no menino que são fundamentais: a crença na universalidade do pênis por ocasião da fase fálica e o fato de que, para ambos os sexos, a castração provoque como efeito a separação da mãe.

Apesar do percurso da sexualidade de meninos e meninas ter alguns pontos em comum, o complexo de castração vai se configurar de forma bastante diferente para cada um deles, principalmente no que se refere às relações com o complexo de Édipo. O complexo de Édipo no menino tem seu término determinado pelo complexo de castração: o fim do complexo de castração representa o fim do complexo de Édipo. Já no caso da menina, a solução do complexo de castração corresponde à escolha de uma das três saídas apresentadas por Freud: a renúncia à sexualidade, o complexo de masculinidade e a feminilidade normal final, que implica a mudança de zona erógena, a mudança de objeto de amor, e a transformação do desejo de um pênis para o desejo de um filho. Na visão de Freud, o desfecho do complexo de castração na menina equivale à *criação* do complexo de Édipo, onde estas mudanças poderão ser efetuadas. Assim, diferentemente do menino, o complexo de castração na menina cria o complexo de Édipo, ao invés de eliminá-lo.

Deduzimos, portanto, do que foi dito acima, a proposição segundo a qual o *correlato à saída do Édipo no menino é, para a menina, a entrada nele*. Enquanto o momento de dissolução do complexo de Édipo é fundamental para a definição da masculinidade no menino, para a menina, o momento crucial de opção pela feminilidade é a entrada neste complexo. A passagem da fase pré-édipica para o Édipo propriamente dito é o ponto decisivo para ela.

As discussões teóricas sobre a problemática feminina apontam constantemente para o fato de seu Édipo não ter um fim definido. Vejamos a seguinte frase de Freud:

“Estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização genital infantil” (Freud, 1924, p.223).

Uma vez que a castração já fez sentir seus efeitos, a menina não tem motivos para sair do Édipo. O Édipo feminino não pode ser pensado em termos de uma dissolução no nível em que teoricamente podemos atribuir ao Édipo masculino, uma vez que o desejo de um pênis sob a forma de bebê persiste recalcado no inconsciente e é constituinte da feminilidade.

O fato, porém, da menina não sair do Édipo não constitui um problema se estamos falando de feminilidade, já que, segundo Freud, “o desenvolvimento para o estado de mulher *jaz* na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações libidinais afetivas” (Freud, 1931, p.265. Grifo nosso), o que significa que, *a permanência no Édipo faz parte da feminilidade*. A operação de tornar-se mulher se realiza na entrada do Édipo, sendo a feminilidade fruto direto do distanciamento da mãe. Nas palavras de Assoun (1983b):

“Freud não pôde pensar nada de mais exato, sob o nome de ‘mulher’ do que o *efeito deste afastamento*. (...) no final do desligamento, é a mulher, advinda à feminilidade, que encontramos” (pp.104,103)

Para Freud, o complexo de Édipo representa para a menina

“...o resultado de uma evolução longa e difícil; é uma espécie de solução preliminar, uma posição de repouso que não é logo abandonada” (Freud, 1933, p. 158).

Mas, se em relação ao tornar-se mulher, a destruição incompleta do Édipo não traz maiores consequências (Freud, 1938), para a formação do seu superego não podemos dizer o mesmo. Todo problema acerca do superego feminino gira em torno deste ponto de origem. A correlação proposta por Freud entre a saída do Édipo e o estabelecimento do superego, no nosso entender, só é pertinente no caso do menino. É exatamente a proposição freudiana que afirma ser o superego o herdeiro do complexo de Édipo, o que impossibilita teoricamente a construção de um superego na menina. Ela funciona como uma

cortina de fumaça, obscurecendo uma possível saída para o nosso impasse. O aforisma freudiano “o superego é herdeiro do complexo de Édipo” foi sempre determinante das discussões sobre o superego feminino, mas acreditamos existirem argumentos que nos permitam questioná-lo.

Millot (1988) reafirma a noção encontrada no texto freudiano que relaciona a dissolução da ligação com o pai e a construção do superego:

“O superego e a ligação com o pai estão em razão inversa uma da outra - o superego se forma na medida em que a ligação com o pai é dissolvida.

É esta segunda forma do superego, (...) não se constitui na menina, porque, justamente, a menina não tem que proceder à essa identificação com o pai” (Millot, 1988, pp.34,35).

Não nos parece, entretanto, que Freud se refira a uma identificação exclusiva com o pai quando se refere à identificação constituinte da instância superegógica. No texto de 1923, onde ele anuncia o superego, aponta também para complexidade das relações edípicas baseando-se principalmente no fato do sujeito ter originalmente uma constituição bissexual, de forma que, na dissolução do Édipo, as tendências masculinas e femininas são agrupadas

“...de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna. (...) O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira” (Freud, 1923, pp.48,49).

Em 1924, Freud observa que o superego “surgiu da introjeção no ego dos primeiros objetos dos impulsos libidinais do id - ou seja, os dois genitores” (p.208). E mais adiante ele afirma que o papel ocupado pelo superego foi anteriormente desempenhado por um “poder externo, pela autoridade dos pais” (1933, p.80), que concedia à criança provas de amor e ameaçava-lhe castigos, os quais eram sentidos por ela como sinais de perda de amor. O superego, enquanto internalização da autoridade dos pais, vai ser descrito como



“... exemplo bem sucedido de identificação com a instância parental ... Assim, o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais” (Freud, 1933, pp.83,87. Grifo nosso)

De acordo com essas observações, concluímos que o que é posto em xeque no jogo identificatório constituinte da instância superegógica é a autoridade e a *internalização da lei nos pais*. Em 1923, Freud afirma que “o superego retém o caráter do pai” (p.49), e mais adiante se refere ao superego como “agente paterno internalizado” (1933, p.263). Mas, em ambos os casos, ele parece se referir ao pai enquanto lei, na medida em que a criança reconhece no pai o agente e o portador da lei da castração. Assim sendo, discordamos do argumento de que a menina não constitui um superego por não ter que proceder a uma identificação com o pai no final do Édipo, já que a identificação formadora do superego é uma identificação *com a lei do pai* (dos pais) e não propriamente com o pai.

Concordamos, entretanto, com a primeira parte da citação de Millot (1988) que prevê um afastamento do pai para que o superego se forme, pois o que está em jogo na formação do superego é a introjeção da lei que interdita o incesto. No que diz respeito à menina, veremos no próximo tópico que, mesmo não havendo uma dissolução do Édipo, há uma renúncia relativa ao pai quando a menina envereda pela feminilidade normal final que não está condicionada à saída deste complexo. Para pensar a formação do superego feminino temos que considerar o modo particular com que a mulher está implicada na castração, enfocando sua relação com a lei e os efeitos do complexo de castração no seu psiquismo.

Se concordarmos com Freud que o complexo de castração é o ponto decisivo na questão da diferença sexual que dá início à construção das instâncias psíquicas, temos aí um forte motivo para acreditar que é no desfecho deste complexo que se encontra o ponto determinante do destino de meninos e meninas. Deste ponto de vista, a saída do Édipo perde a importância que lhe vem sendo atribuída até o momento, no que diz respeito à formação das instâncias psíquicas na mulher. A menina não tem que esperar pela saída do

Édipo para se implicar no jogo das identificações, pois ele já foi detonado pelo complexo de castração.

Numa palavra, seria a possibilidade de dar um destino ao complexo de castração o que estaria em jogo no processo de constituição do sujeito, tanto no que diz respeito à escolha sexual, quanto à formação da instância superegógica. As relações e identificações edípicas, portanto, não podem ser resumidas à fórmula: superego = saída do Édipo, uma vez que para a mulher não há perspectiva de se desvincular totalmente dos laços edípianos. *A feminilidade, para Freud, se constitui entre o complexo de castração e o complexo de Édipo. É marcado por esse limite que o psiquismo feminino se constitui. Assim, não encaramos a permanência da menina no Édipo como um problema, mas como uma particularidade.*

Encontramos, agora, os dois pilares básicos de nosso estudo sobre a mulher a partir dos quais encaminharemos nossas idéias: o complexo de Édipo como um limite e o complexo de castração como determinante de sua constituição psíquica. Principalmente, é o estudo dos efeitos do complexo de castração na constituição do psiquismo feminino que nos levará a compreender a formação do seu superego.

O discurso de Freud sobre a feminilidade privilegia uma abordagem da mulher como representante da castração na fantasia do homem, sendo a própria relação desta com a castração determinada pelo olhar que este homem lhe dirige (Assoun, 1983b, p.130). Contudo, seria interessante enfatizar a castração do ponto de vista da própria economia libidinal da mulher, valorizando o impacto deste complexo no seu psiquismo, principalmente seu efeito determinante na configuração de sua feminilidade. Não se pode ignorar a radical singularidade do percurso da menina no Édipo. O momento no qual a lei da castração vai incidir no percurso da sexualidade da menina vai ser totalmente distinto do do menino. A marca desta lei terá conseqüentemente um sentido particular. Qual é, então, a particularidade da relação da mulher com a lei? O que esta lei vem assegurar e o que ela vem ameaçar? Afinal, o que teme

uma mulher? São estas as questões que vão guiar nossas articulações a respeito do superego feminino.

#### 4.2 - O que a castração vem assegurar à menina?

“Todo o desenvolvimento da menina se realiza à sombra da inveja do pênis” (Freud, 1938, p.222).

O complexo de castração no menino se expressa sob a forma de ameaça. Diante dela, o menino reage abdicando de satisfazer seus desejos incestuosos em relação à mãe para se preservar narcisicamente. Já no caso da menina, o complexo de castração se configura de forma completamente distinta. O que, então, vai caracterizar sua atitude diante da castração?

Poder-se-ia supor que, diante da constatação da castração ocorresse uma total destruição psíquica na menina, já que para ela a castração não é ameaçada, mas “executada” (Freud, 1925, p.319). Mas, geralmente, esta destruição não acontece. Ao contrário, a castração determina os caminhos de sua sexualidade. Considerando a afirmativa de Freud segundo a qual “nunca se renuncia a nada; apenas trocamos uma coisa por outra” (1908, p.151), supomos que a castração também vai permitir à menina uma compensação narcísica.

Primeiramente, a castração tem o efeito de afastar a criança de ambos os sexos de seu primeiro objeto, a mãe, o que seria fundamental para a assunção de uma subjetividade própria. Especialmente no caso da menina, esta separação se reveste de uma importância ainda maior, já que sua ligação com a mãe é mais intensa e duradoura. A proximidade e o sentido de continuidade entre mãe e filha, característicos da fase pré-edípica, podem ser sentidos como extremamente ameaçadores à menina. O temor de ser morta ou devorada pela mãe, tão frequentemente observado por Freud (1931,1933) na análise de mulheres, pode ser expressão desta ameaça. Como ressalta Nasio (1988), além de permitir à criança a assunção de uma subjetividade diferenciada, está em questão, na submissão à castração, a possibilidade de “salvar a integridade física e psíquica do perigo de estilhaçamento que sobreviria se o eu da criança

accesse ao gozo trágico do incesto” (p.130). Talvez, este seja o motivo pelo qual a menina inicialmente aceite a castração “como algo consumado” (Freud, 1924, p.221), porque ela lhe convém de uma certa maneira.

Se encontramos, assim, um ganho na aceitação da castração para a menina, detectamos também um dano irreparável, o dano narcísico, com o qual a menina vai se debater para o resto da vida. Livre da destruição, ela agora tem que se deparar com a consequência da castração. A inveja do pênis, que deste momento em diante a acomete, dá início a uma busca incessante, onde o que está em jogo é a esperança de vir a possuir o pênis ou um substituto adequado para ele.

São bastante conhecidos a importância e o papel da inveja do pênis como forças propulsoras da menina em direção à feminilidade. A menina admira aquilo que supõe que o outro tenha e que lhe falta. Este seria o fenômeno central do Édipo feminino. *É em torno da inveja do pênis que a menina vai se organizar em relação à sua sexualidade.* Ela não vai, entretanto, permanecer atrelada a esta inveja, vai transformá-la em *desejo de um pênis*. Desta forma, a inveja vai funcionar como uma alavanca, impulsionando a menina na busca de um substituto para o pênis. Nossa idéia é de que o desejo do pênis (=falo), ou melhor, a esperança que nutre em vir a obtê-lo, é uma saída narcísica encontrada pela menina para não deixar tão exposta sua ferida. A inveja do pênis e o desejo de pênis surgem, nesta perspectiva, como resposta ao insuportável da castração. Como um suporte narcísico, a menina insiste em manter a esperança de um dia vir a obter aquilo que lhe é mais caro: o pênis (=falo). *O desejo do pênis, considerado por Freud o desejo feminino par excellence, constitui, assim, a marca singular do psiquismo feminino.* É este vir a ter algo tão admirado, que move a mulher. Segundo Nasio:

“A feminilidade é, definitivamente, um constante devir, tecido por uma multiplicidade de trocas, todas destinadas a encontrar para o pênis o melhor equivalente” (Nasio, 1988, p.21)

A pergunta “o que quer uma mulher?”, proferida por Freud a Marie Bonaparte (Jones, 1955, p.421) é tão enigmática exatamente porque não tem uma resposta possível, uma vez que ser mulher, nesta perspectiva, é querer indefinidamente. Talvez seja esta característica feminina que tenha levado Freud a aproximar mulher e histeria, já que uma marca histórica é a manutenção do desejo sempre insatisfeito. A satisfação desta demanda feminina é impossível, uma vez que o que está em jogo na posse do pênis é a obtenção do falo que viria a preencher a falta irreduzível do sujeito, o que é impossível tanto para as mulheres quanto para os homens. É, portanto, numa busca incessante que se constitui a feminilidade.

Recapitulando, a menina, com a castração, ganha a possibilidade de existir subjetivamente independente da mãe, mas perde o pênis (=falo), o que lhe causa um grande dano narcísico com o qual ela vai lidar mediante equações simbólicas que visam uma saída compensatória. Assim, não poderia a transformação do desejo de um pênis para o de um filho, ser pensada como uma ‘solução’ para o Édipo feminino, já que, para Freud, é nesta operação que culmina este complexo? Este raciocínio só se torna pertinente se considerarmos *solução* como diferente de *destruição*. Vejamos a seguinte frase de Freud:

“O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a *situação feminina* só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica” (Freud, 1933, p.157,158. Grifo nosso).

E um pouco mais adiante:

“...a ênfase é colocada no bebê, e o pai fica para segundo plano” (Freud, 1933, p.158).

Assim, Freud afirma que é a elaboração da equação simbólica pênis=bebê que permite à mulher o acesso à situação feminina. Quando esta operação é efetuada, o pai vai para segundo plano, se tornando, nessa perspectiva, mais um suporte dessa operação do que objeto do desejo da filha

propriamente dito. Podemos dizer, então, que há um certo distanciamento desse pai, sendo o bêbe o alvo do desejo da filha<sup>19</sup>. É este deslizamento do pênis numa cadeia simbólica que possibilita à menina um novo posicionamento em relação ao Édipo.

Todo este processo, porém, não se dá sem um grande esforço psíquico. Nas palavras de Kristeva (1987) :

“Se a descoberta de sua vagina invisível já demanda à mulher um imenso esforço sensorial, especulativo e intelectual, a passagem para a ordem simbólica *ao mesmo tempo* que para um objeto sexual, de um sexo diferente daquele do objeto materno primordial, representa uma elaboração gigantesca na qual uma mulher investe um potencial psíquico superior àquele exigido do sexo masculino” (p.35).

Este esforço de elaboração exigido da mulher parece levá-la a uma situação de repouso. Como diz Freud (1933), sua libido parece ter assumido posições definitivas, como se o percurso em direção à feminilidade tivesse esgotado suas forças. Neste sentido, a feminilidade representa um porto, um lugar de chegada para menina. Vemos, entretanto, esta situação de repouso como o fim de um processo elaborativo complexo e não como prova de rigidez ou imutabilidade feminina, que por si contrasta com o movimento incessante de busca que caracteriza seu psiquismo.

Vejamos a seguinte afirmação de Kehl (1992):

“Claro, é a ameaça de perda de amor, e não do pênis, que sinaliza a necessidade da renúncia feminina. É para não ser eliminada pela mãe rival e para poder ser amada de algum jeito pelo pai que a menina aceita a feminilidade como destino” (p.140)

<sup>19</sup> Neste mesmo sentido segue a seguinte afirmação de Freud (1925): “Agora, porém, a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha - não há outra maneira de exprimi-lo - da equação ‘pênis-criança’. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; *com este fim em vista*, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna objeto de seu ciúme. A menina transformou-se numa pequena mulher” (p.318)

Nesta perspectiva, a feminilidade normal final se apresenta como uma forma de solução do conflito edípico. Não há uma dissolução deste complexo, pois o desejo de pênis permanece, mas há uma renúncia relativa a ele. O pai deixa de ser o alvo privilegiado de sua demanda fálica, sendo esta dirigida a outros homens substitutos do pai.

Não estamos falando, portanto, de uma dissolução do Édipo, mas de uma forma de solução, mesmo porque, não vemos motivos que justifiquem uma possível demolição deste complexo. O que ganharia a menina destruindo o Édipo? Parece que a mulher só tem a perder com sua eliminação. Ela perderia aquilo que lhe dá suporte narcísico, e aquilo que é designado por Freud como sendo por excelência feminino: o desejo de obter o falo perdido (em forma de filho). A mulher, de acordo com Freud, sobrevive desse desejo. Para ela, a dissolução do Édipo significaria a perda da própria feminilidade.

Assim, além da castração assegurar para menina o desenvolvimento de uma subjetividade diferenciada da mãe, também prevê uma forma de compensação narcísica pelo dano que causou. O desejo do pênis se torna o ponto de ancoramento narcísico sobre o qual todo psiquismo feminino se constitui, de forma que este desejo pode ser considerado, por excelência, um desejo narcísico. 4-

Vemos, portanto, que o narcisismo se torna um conceito fundamental para o entendimento do psiquismo feminino. É o que pensa também Assoun (1983b):

“É notável que a ‘introdução ao narcisismo’ - evento maior da gênese metapsicológica - tenha surtido efeitos fundamentais na teoria da feminilidade. A insistência de Freud no narcisismo feminino deve ser interpretada, muito mais radicalmente, como indício de que a feminilidade poderia ser repensada à luz do narcisismo” (p.97).

Na nossa tentativa de pensar a formação do superego feminino, o narcisismo será tomado como bússola. É ele que nos orientará pelos caminhos ‘obscuros’ do continente feminino.

### 4.3 - O que teme uma mulher?

“Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher” (Freud, 1931, p.264).

O menino teme que lhe tirem seu atributo mais valorizado, o pênis. Seu superego se constitui mediante este temor, que é seu fundamento. Em favor de sua preservação narcísica, o menino renuncia à mãe enquanto objeto de amor, se identificando com o pai e dando origem à formação do superego. Há no caso do menino uma correspondência direta entre a angústia de castração e formação do superego. Mas, na menina, a castração já foi consumada. A ameaça de castração, portanto, não diz respeito ao Édipo feminino. A ameaça que a submete é de outra ordem.

→ Segundo Freud (1924), o estabelecimento do superego e a interrupção da organização genital infantil na menina, não se devem a motivos internos, mas antes são o “resultado da criação e da intimidação oriundas do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor” (p.223).; Desta afirmação derivamos a proposição freudiana segundo a qual, para a menina, a ameaça correspondente à ameaça de castração no menino é a ameaça de perda de amor e, acrescentamos, seu superego vai ser inevitavelmente marcado por esse temor. Vejamos alguns desdobramentos possíveis dessa idéia.

A saída incompleta do Édipo, consequência da manutenção do desejo de um pênis (=falo) no inconsciente feminino, deixa a menina muito dependente dos objetos a quem dirige esta demanda no exterior. Podemos encontrar nesta dependência externa de amor o motivo da grande valorização, por parte das meninas/mulheres, dos vínculos afetivos, sendo estes em muitos casos, o evento central de suas vidas. Diz Freud:

“Uma menina é, em geral, menos agressiva, desafiadora e auto-suficiente, ela parece ter mais necessidade de obter carinho e, por esse motivo, de ser mais dependente e dócil” (Freud, 1933, p.145).

Freud atribui essas peculiaridades femininas à sua “disposição pulsional” (1933, p.145), ao fato das tendências passivas predominarem em sua



vida psíquica. A supressão da agressividade das mulheres, “que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente” (Freud, 1933, p.143), parece se dar, entretanto, somente depois do declínio da fase fálica, quando a atividade na menina tem que ser recalcada, juntamente com a masturbação clitoridiana, a fim de dar lugar à feminilidade. Até então, o que Freud relata ter sido verificado pelas analistas de crianças é que a agressividade das meninas não deixa nada a desejar, nem em quantidade nem em violência, à da dos meninos (1933, p.146). É o que observamos no ódio e na hostilidade dispensados pela menina à sua mãe. Parece, portanto, que a docilidade e a supressão da agressividade são menos a expressão de uma ‘natureza feminina primária’ do que efeito das exigências impostas pelo seu complexo de Édipo, na medida em que a ameaça de perda do objeto provoca angústia e refreia seus impulsos agressivos dirigidos ao exterior.

Catherine Millot (1988) faz uma leitura muito particular das consequências do medo de perda de amor na constituição do superego feminino. Por persistir enviando sua demanda de pênis (sob a forma de filho) para o pai ou um substituto deste, a mulher ficaria muito dependente deste outro, do qual espera a satisfação de sua demanda. Ela ficaria à mercê deste “Outro real” (Millot, 1988, p.35) que encontra-se, assim,

“... em posição de submetê-la a exigências eventualmente sem limites. Ele ocupa o lugar desse superego que lhe falta enquanto instância intrapsíquica. A mulher teria, por assim dizer, o superego no exterior” (Millot, 1988, p.35) .

Outra hipótese que ela levanta relaciona a formação do superego na mulher à angústia de castração presente no complexo de masculinidade. As mulheres que seguiram por esse caminho apresentado por Freud se aferram na crença da posse do pênis, por isso, estariam susceptíveis à ameaça de castração e constituiriam um superego nos moldes do do menino, via identificação com o pai. Esta idéia é também encontrada em outros autores como Müller-Braunschweig (1926) e Hamon (1992).

Que o medo de perda de amor deixe a menina dependente de seus objetos a ponto de se submeter às suas exigências como uma ordem, é uma idéia interessante. Freud desde 1914 chamou atenção para a escolha de objeto na mulher ser eminentemente narcísica, apontando para necessidade maior que elas têm de serem amadas. No entanto, afirmar que a instância superegógica não se constitui enquanto instância intrapsíquica na mulher que optou pela feminilidade “normal final” (Freud, 1933, p.264) e que esse Outro externo ocupa o lugar de seu superego, constitui uma idéia um pouco diferente daquela que estamos tentando desenvolver. Pensamos que a mulher feminina “normal”, freudianamente falando, estrutura algo da ordem de um superego enquanto instância intrapsíquica e que esta vai trazer a marca da trajetória edípica da menina.

A idéia de que a mulher fica na dependência de uma “instância exterior que preencheu a função de um superego ademais ausente enquanto instância intrapsíquica” (Milot, 1988, p.41) utiliza como um de seus argumentos uma afirmação de Freud de 1923 que sugere uma apropriação por parte das mulheres de traços de seus parceiros. Entretanto, nesta citação, o que parece estar em questão é uma transformação psíquica e não um submetimento a uma “instância exterior”. Vejamos:

“Em mulheres que tiveram muitas experiências amorosas, não parece haver dificuldade em encontrar vestígios de suas catexias de objeto nos traços de seu caráter” (1923a, p.44)

Contra a idéia de que o superego feminino se constituiria a partir de traços do superego de seus parceiros, Freud (1933) esclarece na conferência “A dissecação da personalidade psíquica” que a identificação constituinte do superego é de uma ordem muito particular, que diz respeito à uma identificação específica com a instância parental, mais precisamente com os pais

“... que neste momento são algo de muito extraordinário; depois porém, perdem muito desse atributo. Realizam-se, pois, identificações também com esses pais em fase ulterior, e, na verdade regularmente fazem importantes

contribuições à formação do caráter; nesse caso, porém, apenas atingem o ego, já não influenciam mais o superego que foi determinado pelas imagos parentais primitivas” (Freud, 1933, p.83,84).

É a importância afetiva desta primitiva ligação com os pais que reserva às identificações formadoras da instância superegógica uma posição diferenciada no ego (Freud, 1933, p.83).

O risco de tomarmos ao pé da letra a proposição segundo a qual o caráter das mulheres é constituído por restos de suas relações de objeto é chegarmos a teorizações como as de Hans Sachs (1921), que descreve um tipo de mulheres que se tornam “um mero eco dos homens com quem estão” (apud Millot, 1988, p.36). Para ele, estas mulheres formariam um superego rudimentar, através do ato sexual com os homens. As idéias de seus parceiros seriam assimiladas pela via da apropriação de seu órgão fático. O ato sexual seria a condição para que essas mulheres exaltem o homem de modo a colocá-lo no lugar de superego. Como bem ressalta Millot (1988), esta teoria não carece de humor, mas de profundidade clínica, uma vez que Sachs assinala que não analisou estas mulheres, apenas as observou.

A teoria do superego externo na qual o parceiro ocupa o lugar do superego na mulher nos leva a pensar também numa possível relação com o processo de colocação do objeto no lugar de ideal do ego, descrito por Freud em 1921. Nesta operação, haveria uma exaltação do objeto (no caso de uma supervalorização sexual, por exemplo) que, estando no lugar de ideal de ego, se acha em condição de fazer toda sorte de exigências às quais o ego do sujeito obedece sem nenhuma crítica e com extrema servidão. Mas, segundo Freud (1914), a operação de supervalorização sexual, onde o narcisismo original do sujeito é transferido para o objeto sexual, é característica do sexo masculino (p.105). As mulheres geralmente amam segundo o tipo narcisista de escolha objetal, onde não há uma

“... verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual. (...) Sua necessidade não se acha

na direção de amar, mas de serem amadas” (Freud, 1914, p.105).

Assim sendo, seria uma generalização excessiva afirmar que este processo serviria como modelo para a constituição do superego (exterior) feminino, mesmo que algumas mulheres possam amar segundo o tipo masculino de escolha objetal e que também possam desenvolver a supervalorização sexual própria a esse tipo.

→ As teorizações que tentam explicar a formação do superego feminino via identificação masculina com o pai ou via colocação de um ideal sexual no lugar do superego, minimizam a importância da indicação de Freud que relaciona a formação do superego na menina à ameaça de perda de amor. Seguiremos, então, nosso estudo, tentando deslindar a proposição segundo a qual o evento que está na origem e funciona como incitador da formação de uma instância superegógica na menina é a ameaça de perda do objeto. Tendo isto em mente, podemos adiantar que, a nosso ver, não é a um Outro real, que faz às vezes de superego, que a mulher fica submetida como afirma Millot (1988), *mas ao seu próprio temor de ser abandonada*. O objeto de amor a quem destina sua demanda de falo, no caso o parceiro, não guarda um valor em si mesmo, este valor é dado na relação que se estabelece. É o medo da perda de amor o preceito imperativo do superego feminino. Mas, o que está em jogo, realmente, nesta perda? Qual é a ameaça que ela veicula? A angústia despertada pelo medo da perda do objeto será mesmo capaz de promover a constituição de algo da ordem de um superego na mulher?

Vejamos, primeiramente, o que Freud tem a nos dizer sobre a angústia relacionada à perda de amor do objeto. Em 1926, Freud se dedica a estudar os mecanismos causadores da angústia<sup>20</sup> e afirma que ela surge como uma “reação a um estado de *perigo* e é reproduzida sempre que um estado desta espécie se repete” (Freud, 1926, p.157). Este perigo, observa ele, está relacionado a uma experiência de separação que tem como protótipo primitivo o nascimento, que

<sup>20</sup> Optamos por utilizar o termo angústia a despeito do fato de na edição da Imago figurar a palavra *ansiedade*, por considerarmos uma tradução mais apropriada para o termo *angst* utilizado por Freud em alemão. Manteremos *ansiedade* apenas no caso das citações. Esta questão já foi largamente discutida na literatura psicanalítica.

seria a primeira situação causadora de angústia. Nesta ocasião, porém, esta angústia não tem ainda qualquer conteúdo psíquico. Só num segundo momento, a angústia aparecerá como um “reação à perda sentida do objeto” (Freud, 1926, p.161).

Segundo Freud, o bebê humano está exposto a um desamparo original. Ele depende totalmente de um outro que satisfaça suas necessidades e sem o qual não sobreviveria. Este outro é, na maior parte das vezes, a mãe. Sua ausência, ou daquele que cuida, provoca o sentimento de angústia na criança. Entretanto, Freud observa que a situação que a criança “considera um ‘perigo’ e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, de uma *crescente tensão devida à necessidade*, contra qual ela é inerte” (1926, p.161), e não a ausência da mãe em si. O que ocorre é um deslizamento da situação econômica, a não satisfação das necessidades, para a condição que determinou esta situação, a ausência da mãe. O que a criança, então, passa a temer é a ausência da mãe, na medida, entretanto, em que esta ausência significa a não satisfação de seus anseios. Desta forma, nas palavras de Freud, “a ansiedade é fruto do desamparo psíquico da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (1926, p.162).

Posteriormente, na fase fálica, a angústia aparece também mediante uma ameaça de separação, agora não mais da mãe, mas de um objeto altamente valioso, o pênis, que representa para o menino uma garantia de futura união com ela. Ficar privado dele assume a significação de uma nova separação da mãe. Freud fala aqui apenas do caso do menino, mas de acordo com esta idéia, podemos deduzir que na menina esta angústia relacionada à castração, já que ela não tem o órgão valorizado, somente reforça retroativamente a ansiedade da fase passada que estava relacionada à perda do objeto. Esta hipótese é confirmada pela seguinte afirmação de Freud (1926):

“É precisamente nas mulheres que a situação de perigo da perda do objeto parece ter permanecido mais efetiva. Tudo que precisamos fazer é proceder a uma ligeira modificação em nossa descrição de seu determinante de ansiedade, no sentido de que não se trata mais de sentir a

necessidade do próprio objeto ou de perdê-lo, mas de perder o amor do objeto” (p.167).

Um pouco mais adiante, ele coloca lado a lado a perda do objeto e a ameaça de castração:

“... a perda de um objeto (ou perda de amor por parte do objeto) e a ameaça de castração são do mesmo modo perigos que provêm de fora como, digamos, seria um animal feroz; não são perigos instintuais. Não obstante os dois casos não são os mesmos. Um lobo provavelmente nos atacaria independente de nosso comportamento em relação a ele; mas a pessoa amada não deixaria de nos amar nem seríamos ameaçados de castração se não alimentássemos certos sentimentos e intenções dentro de nós. Assim, tais impulsos instintuais são determinantes de perigos externos e dessa maneira se tornam perigosos em si; e podemos agora prosseguir contra o perigo externo adotando medidas contra os internos” (Freud, 1926, p.169).

Estas medidas contra os perigos internos às quais Freud se refere parecem ser uma referência direta à formação do superego que tem, segundo ele mesmo (1923a), uma função protetora. Sua formação se torna necessária quando um impulso interno expõe o ego a perigos externos, tornando-se, assim perigoso.

→Após a fase fálica, a angústia passa a ser causada pelo poder do superego. Neste caso, o perigo se torna menos definido, provocando o que Freud chama de ansiedade moral:

“... o que o ego considera como sendo o perigo e ao qual reage como um sinal de ansiedade consiste em o superego dever estar com raiva dele ou puni-lo ou deixar de amá-lo” (1926, p.163).

Tendo reconstituído o percurso de Freud na determinação das situações geradoras de angústia no desenvolvimento do sujeito, podemos retornar ao

ponto em que estávamos e tentar compreender as elaborações que a menina realiza na formação do seu superego a partir da angústia de perda do objeto, considerando que esta angústia é tão poderosa quanto a angústia de castração no menino. Podemos começar por refletir sobre a questão que ficou aberta e que levanta uma dúvida quanto ao que realmente está em jogo na perda do objeto por ocasião do complexo de castração na menina. Sabemos, de um modo geral, que não é o objeto em si que se teme perder, mas a satisfação que pode provir através dele. Qual seria, então, o anseio maior da menina neste momento?

Vimos, no tópico anterior, a importância de que se reveste para a menina a formulação da equação simbólica que faz deslizar numa cadeia de equivalências o pênis (= falo), não somente por colocá-la na direção da feminilidade, mas, principalmente, por constituir a pedra de base sobre a qual repousa toda a estruturação de seu psiquismo. O desejo de pênis, narcísico por excelência, representa a marca singular do psiquismo feminino. Parafraseando Freud, diríamos: ‘Todo desenvolvimento da menina se realiza à sombra do desejo de um pênis’<sup>21</sup>.

Partindo desta formulação, podemos entender o papel do objeto de amor na trama do psiquismo feminino. É enquanto suporte da demanda de pênis que ele alcança posição tão fundamental. Sendo a demanda de pênis (=falo) aquilo que sustenta a esperança de um dia vir a obter a reparação do dano narcísico provocado pela castração, o que, segundo Freud, é especificamente feminino; a mulher tem que manter o objeto dessa demanda, pois, *sem objeto, não há demanda de falo possível*. Não é o homem (objeto de amor) em si o que importa, mas o que há nele de possibilidade de satisfação de demanda de falo. Isso explica a susceptibilidade da mulher aos objetos externos, sem que, no entanto, lhes possa ser atribuído o estatuto de superego.

{O que é posto em risco na perda do objeto - a esperança de satisfação do desejo de pênis=falo é, portanto, tudo aquilo que dá à mulher suporte narcísico, toda ilusão de vir a receber do substituto do pai o falo perdido, por fim, tudo

<sup>21</sup> Numa referência à frase de Freud tomada como epígrafe do item 2 deste capítulo: “Todo desenvolvimento da menina se realiza à sombra da inveja do pênis” (Freud, 1938, p.222)

aquilo que faz dela uma mulher (Kehl, 1992). É, portanto, sua própria feminilidade que está ameaçada. O medo de perda de amor significa, em última instância, a recusa do recebimento de sua demanda de falo por parte dos seus objetos, demanda esta tão fundamental para organização de seu psiquismo. A necessidade de ser amada, nesta mesma perspectiva, traduz a necessidade de confirmação da aceitação desta sua demanda.

A perda do objeto pode assumir proporções dramáticas para mulher, desempenhando um papel relevante na determinação de algumas configurações psíquicas. É o que demonstra Kristeva (1987) a propósito da melancolia feminina:

“Uma mulher, por mais que se esforce por não ter pênis a perder, sente-se perdida por inteiro - corpo e sobretudo alma - diante da ameaça da castração. *Como se seu falo fosse sua psique*, a perda do objeto erótico fragmenta e ameaça esvaziar toda sua vida psíquica. A perda, fora, é imediatamente vivida como um vazio dentro” (p.81).

O impacto da perda do objeto no psiquismo feminino, levado à extremo na melancolia, pode levar-nos a dar um valor intrínseco a este objeto. Mas, como aponta Freud no seu célebre texto de 1917, na melancolia não vemos claramente o que foi perdido. Geralmente, o paciente tem consciência de *quem* perdeu, mas não *o que* se perdeu neste alguém, perda esta de caráter inconsciente. Como vimos, o que a mulher tem a perder neste caso é a possibilidade de vir a obter o falo perdido, esperança que sustenta narcisicamente seu psiquismo. Por isso, a perda do objeto pode assumir proporções tão devastadoras.

O medo de perda de amor é responsável também por uma importante característica do superego feminino descrito por Freud: seu caráter pessoal. Em 1933 Freud afirma que as meninas “saem mais ao encontro do mundo externo e, ao mesmo tempo, formam catexias objetais mais intensas” (p.145) do que os meninos. As meninas investem fortemente na ligação com seus objetos por medo de serem abandonadas por eles. É a dependência provocada pelo temor de perda de amor que vai dar o tom “pessoal” do superego feminino a que



Freud se referiu, influenciando o senso de moralidade feminino e seus julgamentos. O medo de perda de amor vai mediar a relação da mulher com o social: ela vai buscar um equilíbrio entre a satisfação das exigências culturais e a manutenção de seus objetos.

Freud atribui o fato do superego feminino levar em consideração critérios de afetividade a um prejuízo em sua formação. Seria esta a principal característica que impede a mulher de ascender e ocupar um lugar na comunidade cultural. Ele aborda, portanto, a questão no sentido de uma negatividade, ignorando a perspectiva que se esboça na reviravolta teórica da década de 20 que, apontando para uma diferença radical entre percursos de meninas e meninos, possibilita uma leitura 'positiva' da afetividade do superego feminino na medida em que é uma característica, não uma falha de formação. O resultado de uma atitude diferente frente à castração é uma configuração particular do superego de meninos e meninas consoante com as vicissitudes de seu percurso edípico.

Reafirmamos, assim, a possibilidade de contrução de algo da ordem de um superego na menina, provocado pelo temor de perda de amor. O medo de perda de amor, entretanto, não pode ser plenamente compreendido sem termos em mente que o que está realmente ameaçado é a perda da esperança de vir a realizar o desejo de pênis=falo que constitui a base narcísica do psiquismo feminino. Por colocar em risco a preservação narcísica da menina, pensamos ser este temor um motivo suficiente para constrangê-la a se submeter às exigências da cultura e constituir algo da ordem de um superego. ¶

## CAPÍTULO 5

### O superego Feminino

#### Algumas Articulações Entre o Ideal e a Mulher

##### 5.1 - O papel do ideal na formação do superego feminino

Vimos que Freud, inicialmente, apresenta o superego como efeito da *ameaça de castração*, tomando como paradigma o desenvolvimento do menino. Mas, já que estamos considerando o caso da menina, teremos que ampliar esta fórmula e entender o superego como efeito do *complexo de castração* que, no menino se manifesta sob a forma de ameaça de castração mas, na menina, não. O complexo de castração na menina se expressa sob a forma de inveja do pênis. Tanto para menina, quanto para o menino, o complexo de castração engendra a lei do incesto, que incide diretamente na separação da mãe, dando lugar ao processo de formação do ideal do ego e do superego. }

Podemos dizer também que o superego representa uma defesa narcísica para ambos os sexos. De uma forma geral, o superego, na medida em que perpetua a lei que proíbe o incesto, protege contra o aniquilamento pelo gozo incestuoso com a mãe. Segundo Freud (1924, p.221), o superego defende o ego do retorno da catexia libidinal. Não só o pênis, no caso do menino, mas a própria integridade psíquica está ameaçada pelo estilhaçamento que significaria a fusão com a mãe:

“O superego preenche a mesma função de proteger e salvar que, em épocas anteriores, foi preenchida pelo pai e, posteriormente pela Providência ou Destino” (Freud, 1923a, p.75).

✓ Especificamente no caso do menino, o superego representa uma forma de *evitar* a castração pela qual se sente ameaçado. Para se preservar narcisicamente, o menino se submete à lei que interdita a satisfação de seus

desejos incestuosos, introjetando-a. A internalização da lei que perpetua a proibição do incesto, perpetua também a ameaça do risco narcísico, impedindo que o menino sucumba a seus desejos incestuosos. Assim, o superego significa para o menino uma proteção contra a castração, ao mesmo tempo em que a representa. Deste ponto de vista, o superego se assemelha ao fetiche, descrito por Freud em 1927, como um triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Entretanto, enquanto o fetiche é um monumento erguido sobre a castração, uma tentativa de tamponá-la, o superego é a confirmação de que a castração teve seu efeito cumprido. Mais uma vez, o narcisismo encontra lugar no processo de constituição do superego, permitindo que o sujeito suporte a castração sem se aniquilar. Talvez isso explique a importância de que se reveste para os homens a vertente superegógica do agente crítico com a subsequente valorização da obediência à lei, já que é do cumprimento da lei que depende sua preservação narcísica.

No caso da menina, a formação do superego não tem a função de evitar a castração, uma vez que ela “já teve seu efeito” (Freud, 1925, p.319). Diferentemente do menino, sua atitude frente à castração se caracteriza pela inveja, que se torna a força motriz de todo seu desenvolvimento: “Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (1925, p.314). A inveja, “elemento princeps no psiquismo da mulher” (Fortes, 1993, p.95), vai impulsionar a menina na busca de uma compensação pelo dano infligido pela castração. O desejo do pênis, que através de uma equação simbólica se transforma em desejo por um bebê, se converte no desejo feminino “*par excellence*” (Freud, 1933, p.158). Desde 1917 Freud destaca o papel compensatório de um bebê para uma mulher:

“... a natureza dá bebês às mulheres como substitutos para o pênis que lhes negou” (1917b, p.161).

A maternidade para a mulher representa uma saída compensatória para o dano narcísico provocado pela castração, se tornando, assim, o ideal feminino por excelência em Freud. O ideal, segundo Freud (1914), é o herdeiro do narcisismo perdido e traz a promessa de restauração narcísica. Ser mãe, neste

sentido, constitui uma alternativa através da qual a mulher pode reaver parte de seu narcisismo (Freud, 1914). Apesar de Freud (1914) afirmar que as mulheres não fazem uma “verdadeira escolha objetal” (p.105), ele identifica na maternidade “...um caminho que leva ao amor objetal completo” (p.106).

Vemos, assim, duas atitudes bastante distintas frente à castração: enquanto a atitude masculina se converte numa estratégia de evitação, a atitude da menina se caracteriza por um movimento de busca compensatória possibilitada pela constituição do ideal. A partir desta diferença, podemos pensar na formação de algo da ordem de um superego na mulher e na forma com que a lei está articulada no seu psiquismo.

Como observa Garcia (1993), temos duas direções teóricas a tomar em Freud se queremos pensar a constituição do superego na menina. A primeira delas consiste em seguir o encaminhamento que ele faz para descrever a formação superegógica tomando o Édipo, a consciência moral e o pai, representante da lei e suporte do social, como eixos para discussão. A outra perspectiva é tomar a direção teórica que “privilegia a análise do componente ideal do ego -, em oposição complementar ao componente consciência moral - do superego” (Garcia, 1993, p.48). Esta segunda opção parece mais de acordo com as conclusões que pudemos tirar do desenvolvimento da menina. Retomemos a frase de Kehl (1992):

“Claro, é a ameaça de perda de amor, e não do pênis, que sinaliza a necessidade da renúncia feminina no Édipo. É para não ser eliminada pela mãe rival e para poder ser amada de algum jeito pelo pai que a menina aceita a feminilidade como destino” (p.140)

É no sentido de evitar a perda de amor que o ideal do ego se forma tanto para as meninas, como para os meninos: “O ideal do ego (...) se origina do desejo narcísico de ser objeto de amor dos pais” (Garcia, 1988, p.18. Tradução nossa)<sup>22</sup>. O que ocorre é que para a menina, pelas próprias vicissitudes do seu

<sup>22</sup> “The ego ideal, on the other hand, represents the perfection towards which an individual strives in his life. It originates from the narcissistic wish to be the object of parents’ affection” (Garcia, 1988, p. 18).

Édipo, esta vertente desempenha um papel mais importante e fundamental na origem da formação do superego, do que para o menino.

A necessidade de ser amada, como condição para manutenção da demanda de pênis, acaba provocando uma certa renúncia da menina relativa ao Édipo. Como vimos, o desejo de bebê suplanta o desejo edípico pelo pai e é isso que a permite ascender à feminilidade como um destino do Édipo e se inscrever na ordem da cultura. O universo de trocas simbólicas vai lhe oferecer a possibilidade de satisfação de seu desejo mas, em contrapartida, vai lhe impor as leis que regem este universo. Mais ainda, vai lhe exigir que corresponda às expectativas da cultura, zelando pelos seus valores.

Vimos através do estudo do conceito de superego na obra de Freud que esta instância mantém uma ligação intrínseca com o ideal. A rigor, estes dois conceitos não podem ser totalmente diferenciados, já que Freud em sua última apreciação sobre o tema (1933) define o ideal como uma função do superego. Tendo em vista a íntima relação entre eles e o fato do ideal ter importante participação na constituição da feminilidade, podemos levantar a hipótese de que, no caso da menina, o ideal desempenha papel principal na formação do seu superego. A busca da imagem reparada do dano narcísico que o ideal veicula e que garantiria o amor dos pais impõe restrições à mulher no que diz respeito à satisfação de seus desejos edípicos e pré-edípicos, ou melhor, requer que ela desista de seus desejos incestuosos, abrindo espaço, assim, para a internalização da lei. É para vir a satisfazer o seu desejo de pênis (=falo), desejo eminentemente narcísico, que a mulher assimila a autoridade dos pais e valores da cultura, constituindo no seio de seu ego um conjunto de exigências morais e proibições que, daí em diante, imporá a si mesma.

Somos levados a concluir que o que está em questão na formação do superego para menina é, em última instância, o submetimento ao ideal. É pela esperança de vê-lo cumprido que as mulheres se submetem às exigências da cultura intojetando-as e impondo-as a si mesmas, muitas vezes de forma extremamente cruel. Podemos dizer, então, seguindo este raciocínio, que a

vertente superegóica do ideal tem uma força maior na constituição do psiquismo feminino.

Esta diferença na configuração do superego se expressa igualmente na forma com que cada um deles, meninos e meninas, vai se colocar frente à esta instância. Lembremos a citação de Numberg: “Enquanto o ego obedece ao superego por medo do castigo, se submete ao ideal por amor” (Numberg apud Laplanche & Pontalis, 1967). Podemos relacionar prioritariamente as vias do amor e do medo à menina e ao menino respectivamente, ressaltando que ambas as formas pressupõem um submetimento e uma apropriação da autoridade dos pais.

Freud (1923a) diz que o ideal do ego ou superego representam nossas relações com os pais e encerram a natureza mais elevada no homem:

“Quando éramos criancinhas, conhecemos essas naturezas mais elevadas, admiramo-las e tememo-las, e, posteriormente, colocamo-las em nós mesmos” (p.51).

Estas duas vertentes - admiração e temor - estão articuladas e dizem respeito ao Édipo feminino e ao masculino em proporções diferentes e variáveis. No caso da menina, a admiração se relaciona de maneira particular com o temor. Por admirar fortemente a imagem provida de pênis, a menina se enfronta profundamente na busca deste objeto tão valorizado que viria a restaurar sua imagem narcísica. O que ela teme, em última instância, é que lhe seja tirada a esperança e a possibilidade de vir a obtê-lo. Assim, no caso da menina, o temor ou a ameaça é secundária em relação à admiração ou, para sermos mais específicos à inveja, no que concerne ao movimento de constituição do seu psiquismo.

A inveja do pênis, como consequência da castração, representa o pivô do desenvolvimento da menina e constitui o ponto irreduzível de toda análise para a mulher, é o que Freud conclui num de seus últimos textos (1937). Por conseguinte, ela deixa sua marca indelével no psiquismo feminino, se tornando ponto de passagem obrigatório de qualquer estudo sobre a mulher em psicanálise. No caso particular dessa dissertação, pudemos confirmar esta idéia

ao observarmos a relação da inveja com a formação do ideal feminino e a deste, por sua vez, com a formação do superego. O superego feminino deve sua formação à sua vertente ideal, que nosso estudo revelou ser a chave mestra para compreensão do psiquismo feminino. Além de desempenhar papel fundamental na relação da mulher com a lei e conseqüentemente na formação de seu superego, o ideal tem um amplo alcance na determinação da estruturação do psiquismo feminino como um todo.

## 5.2 - Ideal e Feminilidade: Uma Conclusão

Mencionamos anteriormente a idéia de que a teorização de um superego estruturalmente mal constituído nas mulheres não parecia estranha aos olhos de Freud por estar baseada numa representação de mulher consoante com o seu tempo e que, de certa forma, correspondia ao seu “ideal de feminilidade”. Como ilustração da “mulher-paradigma do pensamento freudiano” (p.263), Maria Rita Kehl (1992), em seu artigo “A mulher e a lei”, analisa a personagem Nora da peça Casa de bonecas de Ibsen, escrita em 1879. Ela demonstra, através do estudo da personagem, que as mulheres eram consideradas infantis e incapazes de compreender os códigos de relacionamento presentes no universo público.

Neste mesmo sentido, Sílvia Paixão (1989), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise das revistas voltadas para o público feminino publicadas no Brasil no final do século passado, principalmente de “A mensageira”. Esta tinha como finalidade a educação da mulher, de forma a torná-la mais apta a exercer suas funções de esposa e de mãe. “A mensageira” veicula uma representação de mulher marcada pela fragilidade, doçura e gentileza e espelha o ideal de mulher da época: submissa ao marido, rainha do lar, e freqüentemente exaltada pelas suas qualidades domésticas. Vejamos alguns trechos bastante ilustrativos:

“Sempre que se fala em modificar a educação da mulher, ou de ampliar seus meios de ação, aparece alguém que faça a apologia da mulher como rainha que deve ser ... pela fraqueza! Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade” (Maria Emília, apud Paixão, 1989).

“Sou dos que pensam que a mulher não deve tão somente limitar-se a aprender a arte de ser boa mãe de família, não querendo dizer, contudo, que se entregue a estudos profundíssimos assaz penosos para tão gentis e frágeis organismos” (Olympio Galvão, apud Paixão, 1989)

Qualquer semelhança com a carta de Freud à Martha Bernays citada anteriormente não é mera coincidência, mas reflexo do imaginário de uma época, onde a representação de mulher começa a entrar em transição.

Hoje, porém, as mulheres que chegam aos consultórios psicanalíticos não são as mesmas histéricas que se deitavam no divã de Freud. De acordo com Seddon:

“Mudanças sociais da mais variada profundidade e abrangência (...) concorreram para que a mulher fosse levada a ter maior participação na vida econômica, social, cultural e sexual, colocando-a diante da exigência de tornar-se ‘adulta’, o que a arrancou de seus devaneios diurnos para forçá-la defrontar-se com a realidade” (Seddon, 1993, p.70).

Algumas autoras (Badinter, 1986; Darcy de Oliveira, 1991, Seddon, 1993) atribuem ao advento da pílula anticoncepcional o marco fundamental, que sela, para as mulheres, o fim da ditadura da natureza, revelando que o destino feminino não está mais circunscrito à maternidade. Deste momento em diante, a mulher pode se relacionar com o homem de outra maneira, colocando o seu desejo em cena e conquistando seu lugar como sujeito participante da cultura.

Os interesses das mulheres nos dias de hoje se concentram também sobre elas mesmas e não mais exclusivamente sobre os filhos e a casa. A maternidade deixou de ser o ideal feminino por excelência, para se tornar apenas uma escolha entre tantas outras. As mulheres hoje querem ser identificadas também por suas realizações profissionais, e não somente por



gerar um filho. Seu campo de investimento libidinal foi ampliado, e o desejo de um bebê foi metamorfoseado em outros desejos, que hoje fazem parte também do universo da mulher. Não somente a capacidade de trabalhar, mas a possibilidade de amar levando mais em consideração o seu desejo, foi também uma modificação pela qual passou a condição feminina (Kehl, 1992).

Estas transformações no posicionamento das mulheres são atribuídas por Seddon (1993) à falicização do caráter feminino. Segundo esta autora, as mulheres de hoje, ao invés de optarem na saída do complexo de castração pela neurose (histeria), como parecia ocorrer no tempo de Freud, estariam buscando uma saída mais de acordo com o complexo de masculinidade, onde a fantasia da posse do pênis promoveria o aumento da auto-estima, a ampliação da capacidade sublimatória e uma maior possibilidade de inscrição no registro simbólico. As mulheres seriam, por assim dizer, “mulheres fálicas” (Seddon, 1993, p.70):

“De acordo com vários psicanalistas contemporâneos, constata-se que a ‘histerica moderna’ estaria se encaminhando antes pela via da modificação da personalidade (Perrier, Bleichmar, Nasio, etc.), mais próxima do ‘complexo de masculinidade’ em que a menina *renega* a ‘castração’ (Verleugnung), do que pela via sintomática da ‘histerica clássica’, em que a menina *recalca* a ‘castração’ (Verdrangung). Isto é, em lugar da histeria e o complexo de masculinidade se apresentarem como possibilidades alternativas e coetâneas, afirma-se a tendência do segundo em substituir a primeira na conformação do psiquismo feminino nos tempos atuais” (Seddon, 1993, p.76).

Este raciocínio está de acordo com um comentário feito por Freud em 1933. Ao ser questionado pelas analistas mulheres que se sentiam desfavorecidas por sua teoria sobre a distinção entre os sexos, disse:

“Isto não se aplica às senhoras. As senhoras são a exceção; neste ponto, são mais masculinas do que femininas” (p.144).

Poderíamos então dizer que as mulheres do nosso tempo que se dedicam à atividades intelectuais e profissionais são mais masculinas?

As teorizações sobre a feminilidade, conforme se expressam nos nossos dias, apontam para uma *falicização* ou *masculinização* da mulher. Não pensamos, contudo, que as conquistas no âmbito social e o êxito na área profissional que as mulheres vêm apresentando sejam o resultado apenas de uma mudança na ‘escolha’ do destino do Édipo, como propõe Seddon (1993). Talvez possamos dizer que o complexo de masculinidade esteja para nossa contemporaneidade assim como a histeria estava para o tempo de Freud em termos de ocorrência em nossos consultórios, mas, a nosso ver, este fato está interligado a um fator mais geral e determinante do retrato da mulher atual.

Pensamos que as questões de autonomia e independência com as quais se debatem as mulheres hoje nos campos profissional, sexual, econômico e familiar, inclusive em suas análises, se devem, não a uma opção pelo complexo de masculinidade na saída do Édipo, mas a uma mudança nos próprios ideais femininos e nos sinais que asseguram à mulher um certo reconhecimento do seu sexo. Sabemos que a representação social da mulher mudou, mas o que nos interessa, principalmente, é que não houve apenas uma alteração nos costumes e nas relações sociais, “mas até mesmo nos sintomas, e nas insígnias da feminilidade” (Kehl, 1992, p.271).

Pode-se argumentar que esta mudança nos ideais e nas insígnias da feminilidade se faz representar por uma “falicização” da mulher. Não temos dúvida que sim. O que queremos destacar, entretanto, é que esta referência ao fálico, ao masculino, tão presente na mulher contemporânea, é fator constituinte da “feminilidade normal final” e não fruto de uma opção pelo complexo de masculinidade. O que ocorre é que os traços masculinos foram evidenciados, ou talvez ampliados, pela transformação dos ideais de feminilidade veiculados nas sociedades modernas.

Tomemos de empréstimo a idéia de Rivière, (1929) que apresenta a feminilidade como uma máscara que procura esconder a inserção da mulher no domínio fálico e disfarçar o vazio em relação ao seu sexo. Partindo da análise

de várias pacientes, a autora observa o quanto qualquer demonstração de habilidade intelectual ou profissional era acompanhada de uma angústia profunda, exatamente por revelar a existência da masculinidade à qual está, como sujeito, atrelada. A feminilidade estava associada a uma ignorância, a um desconhecimento das coisas do mundo. Como ilustração deste estado de coisas, Rivière (1929) relata o caso de uma paciente que, acostumada com a vida nos centros urbanos e familiarizada com a vida intelectual, sai em férias para uma temporada no campo. Lá, ela se vê obrigada a esconder suas habilidades e conhecimentos sob o risco de não ser considerada feminina. Segundo Rivière, o reconhecimento de habilidades em alguma atividade do domínio masculino era vivido com muita culpa por parte das mulheres que analisava. Em suas fantasias, tal reconhecimento tinha para elas valor de demonstração de sua potência fálica, sinal da presença do falo que haviam roubado (castrado) de seu pai, o que tornava este reconhecimento insuportável uma vez que despertava um forte sentimento de culpa.

Por outro lado, segundo Rivière, ao ocupar um lugar feminino, as mulheres tinham a impressão de estarem desempenhando um papel, de estarem se fazendo parecer desta ou daquela maneira. Esta máscara da feminilidade a que Rivière se refere não é, entretanto, uma máscara fixa, igual para todas as mulheres. Ao contrário, cada mulher vai construí-la de uma maneira particular, na virtualidade do jogo de múltiplas identificações (Pommier, 1985) com outras mulheres.

Diríamos, transportando-nos aos tempos atuais, que a máscara da feminilidade vem deixando transparecer a inscrição da mulher nos domínios do masculino sem causar-lhe tanta angústia, como no caso das pacientes de Rivière. Mais ainda, poderíamos dizer que os ideais femininos da contemporaneidade veiculam um modelo de mulher que apresenta traços masculinos e que estes influenciam na configuração de sua feminilidade.

Hoje em dia, o que se espera de uma mulher, guardadas, é claro, as discrepâncias sócio-econômico-culturais, é que ela seja, além de bela, inteligente, politizada, independente etc. A inserção da mulher na esfera

pública e a possibilidade de amar e trabalhar para além do âmbito doméstico, permitiu-lhe novas possibilidades identificatórias. A representação da feminilidade nos nossos tempos permite à mulher expandir seus investimentos para além do âmbito doméstico, abrindo um campo novo, onde ela pode se dedicar a atividades antes exclusivas do homem como atividades intelectuais e artísticas. Esta mudança no papel social da mulher se fez acompanhar por uma ampliação de sua inscrição fálica.

Concluimos, portanto, que a representação de mulher advinda com a modernidade possibilitou a expansão do componente fálico, inevitavelmente articulado ao Édipo feminino, o que não significa que as mulheres estejam se afastando do destino da feminilidade, mas que/a feminilidade vem ganhando novos contornos./Pensamos poder afirmar que a feminilidade, um dos destinos da menina no Édipo, que tem como condição básica a manutenção da demanda de pênis (=falo), comporta estruturalmente uma referência às outras duas saídas, o complexo de masculinidade e a histeria. Não há como entender a mulher se nos restringirmos a apenas um dos destinos de seu Édipo. Que a neurose que as leva ao psicanalista se articule mais a um do que a outro, somente revela a predominância de uma vertente na configuração de sua feminilidade. Vejamos mais atentamente em que pontos específicos estes destinos da sexualidade feminina se entrelaçam.

### 5.2.1 - Feminilidade “normal final” e complexo de masculinidade

O complexo de masculinidade se desenvolve segundo duas vertentes: a da esperança e a da denegação (André, 1986). Na primeira, a menina admite sua falta de pênis, mas mantém a crença de vir a obtê-lo. Já a segunda vertente se caracteriza por uma supervalorização da masculinidade pré-edípica à qual a menina fica atrelada, a ponto de se recusar a admitir que é castrada. Desta forma, ela se obstina na convicção de que ainda possui um pênis, portando-se como se fosse um homem.

Entretanto, fantasias masculinas são freqüentemente reveladas pelas análises de mulheres, mesmo aquelas que não enveredaram pelo caminho do complexo de masculinidade. Sua presença não implica a adoção de atitudes ou maneiras masculinas, nem a preferência por atividades masculinas, como ressaltam Van Ophuijsen (1917) e Rivière (1929), se manifestando muitas vezes como rivalidade nos domínios intelectuais e artísticos.

O paradoxo desta situação foi reconhecido por Freud no momento em que postula uma ligação primária da menina com a mãe e que observa que esta ligação, que implica uma posição masculina por parte da menina, não é jamais abandonada ou esquecida, mas que continua viva na ligação edipiana ao pai. Para assumir sua posição 'feminina final' no Édipo a menina tem que trocar de sexo. A atividade fálica da menina tem que ser recalcada para que ela possa assumir uma posição feminina, mas não totalmente. É preciso que se conserve uma parte desta atividade, o bastante para sustentar a demanda de pênis que mais tarde dirigirá ao pai. Esta consideração de Freud vem colocar a posição masculina primária da menina como um elemento de base do complexo de Édipo (André, 1986). A passagem de um sexo a outro se dá pela mediação do complexo de castração, que cria o desejo de um pênis e ao mesmo tempo possibilita sua transformação no desejo por um homem, conduzindo a menina em direção à feminilidade. Desde 1917, Freud anuncia:

“Essa transformação, portanto, converte um impulso que é hostil à função sexual feminina, em outro que é favorável a ela” (Freud, 1917, p.162).

É, paradoxalmente, o desejo fálico que leva a menina à feminilidade, sendo, portanto, os dois indissociáveis. Freud (1933) já dizia que o desejo de um pênis é o desejo por excelência feminino.

É recorrente, na clínica de pacientes mulheres, a referência à posse de atributos fálicos aos quais as mulheres não ficam indiferentes. Sentem-se culpadas por possuí-lo e tentam escondê-lo (Müller-Braunschweig, 1926; Rivière, 1929). Alguns autores (Van Ophuijsen, 1917, Hamom, 1992) observam que muitas mulheres parecem portar um segredo que tentam manter

só para si, elas agem 'como se' tivessem o pênis. Hamon (1992, p.68) chega a se perguntar se a vergonha, descrita por Freud como uma "característica feminina *par excellence*" (1933, p.162) não seria, *ao invés* da expressão de uma deficiência, uma tentativa de esconder a posse de um atributo fálico. Este atributo não seria necessariamente o pênis, uma vez que na falta dele todo seu corpo pode ser investido de valor fálico. Esta falicização dela mesma explicaria também a " vaidade física das mulheres" (1933, p.162) a que se refere Freud.

Pensamos de acordo com Hamon, mas poderíamos acrescentar à sua pergunta um *também*: não seria o pudor e a vergonha femininos *também* a expressão da inscrição fálica da menina, além de uma tentativa de esconder sua carência fálica? É o que Freud parece indicar quando se refere ao "enigma da mulher" (1933, p.161). Ele observa que a bissexualidade nas mulheres é mais evidente que nos homens e que, devido a fixações na fase pré-edípica, as mulheres alternam entre períodos em que ora a masculinidade ora a feminilidade predominam (p.160-61). Nas palavras de André (1986):

"Esta oscilação entre as duas fases do Édipo e portanto, entre os dois objetos de amor e as duas identificações que comportam, será marcada ao longo de toda vida da mulher" (p.201)

Este é o sentido da famosa passagem do texto de 1933 na qual Freud afirma a possibilidade de ressurgir na relação da mulher com seu companheiro, não propriamente a relação anterior com o pai, mas a relação ainda mais primitiva com a mãe. [Com isso, Freud nos diz que a presença de traços masculinos na mulher é estrutural ou, para usar a terminologia freudiana, é *normal*.]

Se a feminilidade normal traz em si elementos presentes no complexo de masculinidade (fantasias masculinas, crença na posse de atributos fálicos, etc.) o inverso também é verdadeiro. Mesmo o complexo de masculinidade em sua realização máxima, onde há a escolha manifesta de um objeto homossexual, pressupõe uma passagem prévia pelo complexo de Édipo normal. (Horney, 1922; Freud, 1933, p.159). A menina tomaria o pai como objeto e enviaria a ele

sua demanda de pênis. No caso do complexo de masculinidade, a decepção pela não satisfação da demanda atinge a menina de tal forma que ela é incapaz de encontrar um substitutivo, como parece acontecer na feminilidade normal onde esta decepção impele a menina a enviar esta demanda a outros homens sob a forma de filho (Van Ophuijsen, 1917, p.21; Freud, 1933, p.160). A menina que foi incapaz de fazer este deslizamento regride à situação anterior onde a mãe ocupava o centro de suas atenções e se aferra à crença de possuir ou vir a possuir um pênis. Freud afirma que não basta se voltar para o pai na busca do pênis,

“...a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se o bebê assume o lugar do pênis consoante uma primitiva equivalência simbólica” (1933, p.157).

Vimos, portanto, que este desejo de bebê, que constitui a marca singular do psiquismo feminino, é o substituto do desejo fálico de pênis. Esta contradição é constitutiva do psiquismo feminino, o que implica que a feminilidade normal final está irremediavelmente atrelada a uma referência masculina.

Rivière (1929) que, como vimos, define a feminilidade como uma máscara que serve para dissimular a presença de traços masculinos e evitar que sejam descobertos, coloca bem a questão que queremos explicitar no que se refere à inclusão de elementos do complexo de masculinidade na configuração da feminilidade. Diz ela:

“O leitor pode se perguntar qual é a distinção que faço entre a feminilidade verdadeira e a mascarada. De fato, eu não pretendo que tal diferença exista” (1929, p.203. Tradução nossa)<sup>23</sup>.

¶ Não podemos falar, portanto, de uma feminilidade ‘verdadeira’ ou ‘pura’, uma vez que ela está ancorada no domínio fálico. Em outras palavras, a

<sup>23</sup> “Le lecteur peut se demander quelle distinction je fais entre la féminité vrai et la mascarade. En fait, je ne prétends pas qu'une telle différence existe” (Rivière, 1929, p.203).

feminilidade normal comporta uma referência estrutural à masculinidade e, veremos, também à histeria./

### 5.2.2 - Feminilidade “normal final” e histeria

Vimos que a inscrição fálica à qual as mulheres estão submetidas e a ausência de uma identificação materna que dê à menina uma identidade especificamente feminina, fazem com que a feminilidade se coloque para elas como um enigma: o que é ser uma mulher? Ninguém deu melhor testemunho disso do que a histérica.

O que a histeria revela de forma exemplar é o modo tipicamente feminino de interrogar a feminilidade. O desvendamento da questão ‘o que é ser uma mulher?’ passa, inevitavelmente, pela figura de uma outra mulher. É este o ponto que escapou a Freud por ocasião do caso Dora, mas que não tardou em revelar sua importância como mecanismo singular do psiquismo feminino. [Ser objeto de desejo do homem não é o bastante, ou melhor, não diz tudo sobre o que é uma mulher (André, 1986).] É preciso que entre em cena uma outra, que se supõe deter a chave do segredo de seu sexo, para que a mulher se interroge sobre sua própria feminilidade.]

Outro ponto comum no destino da histérica e da mulher ‘feminina normal’ diz respeito à uma forma de identificação que as mulheres utilizam na jogu entre ela: a identificação histérica. [Na falta de uma identidade psíquica que assegure a posição feminina da mulher, o que lhe resta são os atributos ou insígnias que são passíveis de apropriação através da identificação com outras mulheres, os quais, ela espera, possa dar-lhe acesso a um saber sobre a feminilidade.] Neste caso, porém, não é propriamente a outra mulher o alvo da identificação. Em última instância, é o desejo de que ela é portadora. A identificação histérica expressa o desejo de se colocar no lugar da outra mulher, ser amada, admirada como ela, “ser como” ela em alguns de seus aspectos, de forma que uma mulher, ao se identificar com os atributos de uma outra, possa



se apropriar também de um saber sobre a feminilidade e de como uma mulher deseja.

Apesar de Freud demonstrar que a identificação histérica está na base da maioria dos sintomas histéricos, ele não postula uma reciprocidade obrigatória entre eles. Como afirma Mayer (1989):

“... nem toda identificação histérica culmina em um sintoma neurótico, como também nem todo sintoma neurótico se apóia numa identificação” (p.49).

A identificação histérica está presente também na formação de outros fenômenos psíquicos, como os sonhos. Aliás, foi a propósito do estudo sobre a formação dos sonhos que Freud (1900) formulou este tipo de identificação, relacionando-o com a formação dos sintomas histéricos.

Vemos, então, que a identificação histérica não se restringe a atuar nos casos de histeria, mas desempenha também importante papel no processo de constituição do psiquismo feminino, além de participar de outros processos psíquicos de ocorrência geral como na elaboração do sonho. A ‘feminilidade normal’ está irremediavelmente entrelaçada a este tipo de identificação na medida em que ele é um mecanismo fundamental na construção do que uma mulher pode conceber como feminilidade.

Em síntese, *por guardar estreita similaridade com aspectos próprios aos outros destinos do Édipo feminino - o complexo de masculinidade e a histeria -, a feminilidade normal final não pode ser entendida desvinculada destas referências.*

## Tempo de Concluir

Vimos que a feminilidade final, enquanto um destino do Édipo feminino, comporta elementos da histeria e do complexo de masculinidade, não sendo possível pensar em uma feminilidade “pura” ou “verdadeira”. Em nossos dias, porém, observamos que a feminilidade vem predominantemente se expressando sob a forma de uma falicização, podendo-se deduzir que elementos masculinos vêm tendo maior participação na configuração da feminilidade do que vinha acontecendo até então. Pensamos, entretanto, que esta *falicização* da feminilidade mais do que indicar uma opção no desfecho do Édipo pelo destino do complexo de masculinidade, aponta para uma nova configuração da ‘feminilidade final’ descrita por Freud. É ela que vem ganhando novos contornos.

A constatação de uma mudança na conformação do psiquismo feminino nos nossos dias, a que a clínica psicanalítica dá testemunho, nos remete novamente às reflexões de Freud sobre o superego feminino. Podemos supor que suas afirmações sobre um superego precário nas mulheres e sua pouca preocupação com o tema refletiam a realidade da condição feminina na virada do século, em Viena. A representação de feminilidade e os ideais femininos na época de Freud não comportavam uma referência explícita ao superego tal qual encontramos em nossos dias. Num contexto social onde a lei e a moralidade estavam relacionadas com a esfera pública, da qual a mulher não participava, a questão do superego feminino passava despercebida. A nova representação de mulher e os ideais de feminilidade construídos pela modernidade provocaram mudanças na constituição do psiquismo feminino, acentuando os traços masculinos da feminilidade final e trazendo à tona a questão da presença de um superego nas mulheres. O fato de neste momento estarmos nos dedicando ao estudo do superego feminino, como chama atenção Garcia (1993, p.48), aponta, mais uma vez, para o caráter histórico de nossas preocupações teóricas. A construção teórica sobre um superego pouco expressivo nas mulheres não se sustenta mais na nossa contemporaneidade, onde esta instância ganhou

visibilidade no psiquismo feminino, abrindo campo para novas articulações teóricas entre a mulher e o social.

A maleabilidade observada na constituição da feminilidade final reafirma a teorização de que ela se caracteriza por uma busca incessante ou, para usar a expressão de Pommier, ela é um “constante devir” (1985, p.21). Entretanto, ao apontarmos para a relação entre a representação de mulher numa determinada época e a configuração da feminilidade, não estamos pretendendo afirmar um determinismo histórico ou social, mas destacar a influência do ideal na formação do psiquismo feminino. Vimos, que o que está em jogo na aceitação da lei por parte da mulher e da sua conformação às regras sociais é, em última instância, o submetimento ao ideal. Não surpreende, portanto, que a tentativa de corresponder ao ideal de feminilidade de sua época assumia a significação de um imperativo para ela.

Nosso esforço de pensar a formação do superego feminino nos levou a reconhecer o ideal como sendo a pedra fundamental do psiquismo feminino. Vimos que diante da castração o menino se utiliza de uma estratégia de evitação enquanto a menina se implica numa busca de compensação pelo dano narcísico sofrido. Uma possibilidade compensatória é vislumbrada pela menina na satisfação do desejo narcísico de pênis-bebê (=falo). Através da maternidade, ideal feminino por excelência em Freud, a mulher teria uma chance de reaver parte de seu narcisismo perdido.

O que teme uma mulher, portanto, é que lhe seja tirada a possibilidade de continuar desejando, pois é neste desejo de penis (=falo) que se sustenta narcisicamente o psiquismo feminino. A ameaça com a qual se confronta a mulher se expressa sob a forma de perda de amor, na medida em que esta perda significaria a recusa de recebimento de sua demanda de falo que, por sua vez, implicaria na impossibilidade de manutenção de seu desejo. Esta ameaça seria tão poderosa quanto a ameaça de castração no menino. Ela põe em risco a preservação narcísica da menina, fazendo com que ela reconheça a lei e constitua algo da ordem de um superego. Desta forma, a menina se submete às exigências morais e aos valores da cultura, os quais internalizará e imporá a si

mesma. A inserção da mulher na ordem da cultura está, portanto, condicionada ao movimento de busca de realização do seu ideal.

Para podermos construir esta elaboração teórica tivemos de questionar, no caso da menina, um pressuposto freudiano importante, o de que o superego se constitui no final do Édipo. Vimos que o que é realmente central na constituição das instâncias psíquicas é a confrontação com o complexo de castração. Para o menino, o desfecho do complexo de castração coincide com a saída do Édipo, talvez por isso, Freud tenha proferido tão enfaticamente a fórmula: “o superego é herdeiro do complexo de Édipo”. Na menina, entretanto, a confrontação com a castração se dá na entrada deste complexo. Assim, a entrada no Édipo para ela corresponde, em termos de importância, à saída do Édipo para o menino, já que é o complexo de castração que funciona como motor da estruturação psíquica do sujeito.

Passados cem anos das primeiras publicações psicanalíticas é curioso observar que a mulher continua incitando nossas teorizações. Como lembramos nas páginas iniciais deste estudo, a origem da psicanálise está irremediavelmente entrelaçada à fala das mulheres. Emmy Von N. disse a Freud: -Deixe-me falar.

## Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, M.M.M. Castração e monismo fálico: algumas implicações a propósito da diferença sexual e da sexualidade feminina. *Boletim do Mestrado em Teoria Psicanalítica*, Instituto de Psicologia da Universidade do Rio de Janeiro, ano IV, vol.6, n.12, 1991a, p.62-103.

\_\_\_\_\_. "Weiblich" "weiblichkeit" e "weibliche sexualität": uma necessária distinção conceitual. *Boletim do Mestrado em Teoria Psicanalítica*, Instituto de Psicologia da Universidade do Rio de Janeiro, ano IV, vol.6, n.12, 1991b, p.107-134.

\_\_\_\_\_. *Psicanálise e Mulher: Feminino Plural*. Dissertação (Mestrado em Teoria Psicanalítica). Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

ANDRÉ, S. *O Que Quer uma Mulher?* (1986) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987.

ASSOUN, P.L. Freud aux prises avec l'ideal. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 27, printemps, 1993a, p.85-110.

\_\_\_\_\_. *Freud e a Mulher*. (1983b) Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor Ltda, 1993.

BADINTER, E. *L'Un est l'Autre. Des Relations entre Hommes et Femmes*. Paris, Editions Odile Jacob, 1986.

BERTIN, C. *A Mulher em Viena nos Tempos de Freud*. Campinas, Papirus, 1990.

BRUN, D. *Figurações do Feminino*. São Paulo, Ed. Escuta, 1989.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *Sexualidade Feminina. Uma Abordagem Psicanalítica Contemporânea*, (1964). Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

\_\_\_\_\_. L'ideal du moi dans l'oeuvre de Freud. *Revue Française de Psychanalyse*, XXVII, 5-6, 1973, p.741- 762.

\_\_\_\_\_. Freud and female sexuality: the consideration of some blind spots in the exploration of the "dark continent", (1975). *Sexuality and Mind. The Role of the Father and the Mother in the Psyche*. New York University Press, 1986, p.9-28.

\_\_\_\_\_. Some thoughts on the ego ideal. A contribution to the study of the illness of ideality. *The Psychoanalytic Quarterly*, 3, Vol. XLV,

1976, p.345-373.

CHODOROW, N. *The reproduction of Mothering. Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. University of California Press, 1978.

DARCY DE OLIVEIRA, R. *Elogio da Diferença. O feminino Emergente*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, 1991.

DEUTSCH, H. La psychologie de la femme en rapport avec ses fonctions de reproduction, (1924). In Hamon, M. C. (org.) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994, p.77-95.

\_\_\_\_\_ L'homosexualité féminine (1932). In Hamon, M. C. (org.) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994, p.267-294.

DOLTO, F. *Sexualidade Feminina. Libido, Erotismo, Frigidez* (1982). São Paulo, Martins Fontes, 1984.

DÖR, J. *Introdução à Leitura de Lacan. O inconsciente Estruturado como uma Linguagem*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

FLORENCE, J. As identificações (1987). In Roitman A. (org.) *As Identificações na Clínica e na Teoria Psicanalítica*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994, p.115-146.

FORTES, I. O que que ela tem que eu não tenho? In Figueira S. A. (org.) *A Palavra e o Silêncio. Construções do Saber Psicanalítico na Universidade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993. p.91-102.

\_\_\_\_\_ Posição feminina: indagações sobre um para-além do Édipo. In *Cadernos do Tempo Psicanalítico*. Publicação da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle, n.1, 1995, p.11-120.

FREUD, S. e BREUER, J. (1893-1895) Estudos sobre a histeria. *ESB*, Vol. II.

FREUD, S. A interpretação de sonhos (1900). *ESB*, Vol. IV, V.

\_\_\_\_\_ Fragmento da análise de um caso de histeria (1905[1901]). *ESB*, Vol. VII.

\_\_\_\_\_ Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *ESB*, Vol. VII.

\_\_\_\_\_ Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). *ESB*, Vol. IX.

\_\_\_\_\_ Escritores criativos e devaneios (1908). *ESB*, Vol. IX.

FREUD, S. Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade (1908). *ESB*, Vol.IX.

\_\_\_\_\_ Caráter e erotismo anal (1908). *ESB*, Vol. IX.

\_\_\_\_\_ Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). *ESB*, Vol. X.

\_\_\_\_\_ Totem e tabu (1913). *ESB*, Vol. XIII.

\_\_\_\_\_ Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). *ESB*, Vol. XIV.

\_\_\_\_\_ Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916). *ESB*, Vol. XIV.

\_\_\_\_\_ Luto e melancolia (1917a). *ESB*, Vol. XIV.

\_\_\_\_\_ As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal (1917b). *ESB*, Vol. XVII.

\_\_\_\_\_ A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920). *ESB*, Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_ Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). *ESB*, Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_ O ego e o id (1923a). *ESB*, Vol. XIX.

\_\_\_\_\_ A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923b). *ESB*, Vol. XIX.

\_\_\_\_\_ O problema econômico do masoquismo (1924). *ESB*, Vol. XIX.

\_\_\_\_\_ A dissolução do complexo de Édipo (1924). *ESB*, Vol. XIX.

\_\_\_\_\_ Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). *ESB*, Vol. XIX.

\_\_\_\_\_ Inibições, sintomas e ansiedade (1926[1925]). *ESB*, Vol. XX.

\_\_\_\_\_ A questão da análise leiga (1926). *ESB*, Vol. XX.

\_\_\_\_\_ O futuro de uma ilusão (1927a). *ESB*, Vol. XXI.

\_\_\_\_\_ O fetichismo (1927b). *ESB*, Vol. XXI

FREUD, S. O mal estar na civilização (1930[1929]). *ESB*, Vol.XXI

\_\_\_\_\_ Sexualidade feminina (1931). *ESB*, Vol.XXI.

\_\_\_\_\_ Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Conferências XXXI, XXXIII (1933[1932]). *ESB*, Vol. XXII

\_\_\_\_\_ Análise terminável e interminável (1937). *ESB*, Vol. XXIII.

\_\_\_\_\_ Esboço de psicanálise (1940[1938]). *ESB*, Vol. XXIII

GARCIA, C.A. *Ilusion and Sexuality - A Contribution of the Study of the Ego Ideal*. Tese de Doutorado, The Wright Institute, Berkeley, 1988.

\_\_\_\_\_ Sexualidade feminina e a questão do ideal em Freud. In Figueira, S. A. (org.) *A Palavra e o Silêncio. Construções do Saber Psicanalítico na Universidade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará. 1993, p.45-68.

GILLIGAN, C. *Uma Voz Diferente. Psicologia da Diferença entre Homens e Mulheres da Infância à Idade Adulta*. Rio de Janeiro, Ed. Rosa dos Tempos, 1982.

HAMON, M.C. *Pourquoi les Femmes Aiment-elles les Hommes? Et Non Pas Plutôt Leur Mère*. Paris, Seuil, 1992.

HORNEY, K. De la genèse du complexe de castration chez la femme (1922). *La Psychologie de la Femme*. Paris, Payot, 1969.

JONES, E. The early development of female sexuality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 8, 1927, p.459-472.

\_\_\_\_\_ Early female sexuality. *International Journal of Psycho-Analysis*, 16, 1935, p.263-273.

\_\_\_\_\_ *The Life and Work of Sigmund Freud* (1953), Vol.1. H. Wolf, New York, fourteenth print, 1961.

\_\_\_\_\_ *The Life and Work of Sigmund Freud* (1955), Vol.2. H. Wolf, New York, fourteenth print, 1961.

\_\_\_\_\_ *The Life and Work of Sigmund Freud* (1957), Vol.3. H. Wolf, New York, fourteenth print, 1961.

JUNG, C.G. *Psychology of the Unconscious*. New York, Moffat, 1916.



- KEHL, M.R. O espaço doméstico e a sexualidade da mulher. Propostas para uma reflexão. In D'Incal, M. A. (org.) *Doença Mental e Sociedade. Uma Discussão Interdisciplinar*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1992.
- \_\_\_\_\_ A mulher e a lei. In Novaes, A. (org.) *Ética*. São Paulo, Companhia das Letras, Secretaria Municipal de São Paulo, 1992.
- KLEIN, M. Early stages of the Oedipus conflict. *International Journal of Psycho-Analysis*, 9, 1932. p.167- 180.
- KRISTEVA, J. *Sol Negro. Depressão e Melancolia* (1987). Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1989.
- LACAN, J *O seminário, livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud, 1953-1954*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*, (1967). São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- LAMPL-DE-GROOT, J. Histoire du développement du complexe d'Oedipe chez la femme (1927). In Hamon, M.C. (org) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994. p.113-132.
- LUQUET-PARAT, C. J. A mudança de objeto (1964). In Chasseguet-Smirguel, J. (org.) *Sexualidade Feminina*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988. p.95-104.
- MACK BRUNSWICK, R. La phase préoedipienne du développement de la libido (1940). In Hamon, M.C. (org) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994
- MASSON, J. M. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro, Imago, 1986.
- MAYER, H. *Histeria*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- MELLOR-PICAUT, S. Idealisation et sublimation. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 1983, p.124-140.
- MEZAN, R. O escuro dos olhos vacilou como um ouro. Notas sobre a inveja, a castração e o narcisismo, In Birman, J. e Nicéas C.A. (org.) *O Feminino: Aproximações*. Teoria da prática psicanalítica 4. Rio de Janeiro. Ed. Campus, 1986, p.95-121.
- MILLOT, C. *Nobodaddy - A Histeria no Século* (1988). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1989.

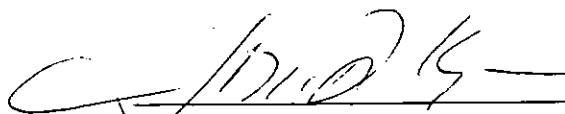
- MITCHEL, J. e ROSE, J. ed. *Feminine Sexuality. Jacques Lacan and the École Freudienne* (1966). W.W.Norton and Company, 1982.
- MITCHEL, J. *Psicanálise e Feminismo* (1975). Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- MONTEIRO, M.P. *Feminilidade. O Perigo do Prazer*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1984.
- MÜLLER-BRAUNSCHWEIG, C. La genèse du surmoi féminin (1926). In Hamon, M. C. (org.) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994. p.107-111.
- NASIO, J.D. *Lições Sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise* (1988). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1989.
- NASSIM, S. O feminino e a loucura. *Clinica Psicanalítica*. Publicação Periódica do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. n.3, Outubro, 1988, p.83-91.
- NICÉAS, C.A. Primado do falo e a castração feminina. In Birman, J. e Nicéas C.A. (org.) *O Feminino: Aproximações*. Teoria da prática psicanalítica 4. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1986, p.55-84.
- OLIVIER, C. *Os filhos de Jocasta - A marca da Mãe*. Porto Alegre, L & PM, 1986.
- PAIXÃO, S. P. *A fala-a-menos. Poesia e Imprensa Feminina no Final do Século XIX e Início do Século XX no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras). PUC, Rio de Janeiro, 1989.
- PASSOS, M.C. *A sexualidade Feminina na Teoria de Freud: Uma Discussão dos Determinismos Biológico e Cultural*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). PUC RJ, 1980.
- POMMIER, G. *A Exceção Feminina* (1985). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1987.
- RIVIÈRE, J. La feminité en tant que mascarade (1929). In Hamon, M. C. (org.) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994. p.197-213.
- RANK, O. *The Trauma of Birth* (1923). New York, Robert Brunner, 1952.
- ROSAS, E. Satisfação pulsional: prazer e gozo, uma introdução. *Cadernos de Psicanálise do CPRJ*, ano X, n 6, 1988, p.17-25.
- SCHAFER, R. Problems in Freud's psychology of women. *JAPA*, 3, Vol. 22, 1974, p.450-485.

- SEDDON, G. Mulheres à beira de um ataque de nervos. In Figueira, S.A. (org) *A palavra e o Silêncio. Construções de Saber Psicanalítico na Universidade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993, p.69-90.
- STÄRCKE, A. Le complexe de castration (1920). In Hamon, M. C. (org.) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994. p.27-56.
- SÉRIO, N.M.F. *Um Exame das Relações Entre o Ego e o Superego*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) PUC RJ, 1984.
- SHORSKE, C.E. *Viena Fin-de-Siècle*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- SPRENGNETH, M. *The Spectral Mother. Freud, Feminism, and Psychoanalysis*. Cornell University Press, 1990.
- VALLS, J.L. Acerca del superyó inconsciente. *Revista de Psicoanálisis*, n.3, tomo XL, 1983, p.523-573.
- VAN OPHUIJSEN, J.H.W. Contributions au complexe de masculinité chez la femme (1917). In Hamon, M. C. (org.) *Féminité Mascarade*. Paris, Seuil, 1994, p.13-26.
- WINOGRAD, B. Las relaciones entre los conceptos de Superyó e Ideal del Yo. Perspectivas en la articulación de la estrutura yoica. *Revista de Psicoanálisis*, N.3, tomo XL, 1983, p.505-512.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Helena Dias Torres, intitulada "O que Teme uma Mulher? Os Efeitos do Complexo de Castração na Configuração do Superego Feminino" e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Prof (a) Cláudia Amorim Garcia (Orientadora)  
Departamento de Psicologia - PUC RJ



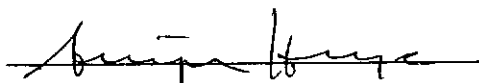
Prof (a) Junia de Vilhena  
Departamento de Psicologia - PUC -RJ



Prof (a) Anna Carolina Lo Bianco  
Instituto de Psicologia - UFRJ

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1996



Jurgen Heye

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do  
Centro de Tecnologia e Ciências Humanas